



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

LIDIANE FERREIRA SILVA

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE
SANTANA**

Feira de Santana-BA
2020

LIDIANE FERREIRA SILVA

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE
SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Feira de Santana-BA
2020

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Silva, Lidiane Ferreira
S581c Construções de tópico no português falado em Feira de Santana /
Lidiane Ferreira Silva. - 2020.
101f.: il.

Orientadora: Norma Lucia Fernandes de Almeida

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2020.

1. Língua portuguesa culta. 2. Língua portuguesa popular. 3.
Construções de tópico. 4. Feira de Santana, Ba. I. Almeida, Norma
Lucia Fernandes de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de
Santana. III. Título.

CDU: 806.90(814.22)

TERMO DE APROVAÇÃO

LIDIANE FERREIRA SILVA

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

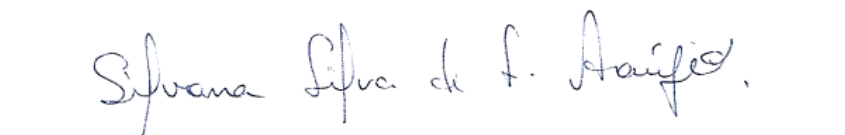
Aprovada em 25 de março de 2020



Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida
Orientadora (UEFS)



Profa. Dra. Norma da Silva Lopes
Avaliadora Externa (UNEB)



Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo
Avaliadora Interna (UEFS)

À Deus pela presença.

AGRADECIMENTOS

“Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!” (Salmos 103:2).

O linguista Fernando Tarallo usou a metáfora do túnel para se referir ao processo da pesquisa desenvolvida no âmbito da linguística histórica. Ouso-me aqui a usar a mesma metáfora para mostrar o processo pelo qual passei ao produzir esta pesquisa. Indubitavelmente passar pelo túnel com um fenômeno sintático pouco pesquisado e com algumas controvérsias na literatura linguística foi, por vezes, frio, escuro e solitário, mas ao mesmo tempo desafiador e cheio de surpresas. Ademais, na trajetória pelo túnel tive apoio direto e indireto de pessoas pelas quais sou imensamente grata.

A gratidão é um sentimento que vem acompanhado de amor, alegria, fé, esperança e paz. Além disso, ela nos faz sentir acolhidos, mostrando que não estamos sozinhos e que precisamos um do outro sempre.

Por isso, gostaria de deixar aqui nessas poucas linhas a minha sincera gratidão a pessoas tão especiais que me ajudaram a atravessar o túnel. Início, então, agradecendo ao Deus Pai a quem devo o fôlego de vida; também a Jesus Cristo pela Salvação concedida através de seu precioso sacrifício, e ao fiel companheiro e intercessor Espírito Santo por me conduzir em todas as coisas.

Agradeço aos meus familiares, minha base e meu apoio em todos os momentos: pais, irmãos, principalmente a Darlene, com quem tenho dividido a responsabilidade da vida adulta; tios(as), primos(as), sobrinhas e, finalmente, à minha querida vovó Zizi (*In memoriam*) pelo exemplo de fé e sabedoria e por todo cuidado e amor concedidos a mim quando a leitura da palavra ainda não estava sob o meu domínio.

Registro um agradecimento especial à profa. Dra. Norma Lucia, por quem tenho imensa admiração e que desde meus primeiros passos na pesquisa científica tem sido minha orientadora, a começar na Iniciação Científica (2009-2011), passando pela Especialização (2012-2013) e, agora, no Mestrado. Por todas as contribuições sempre pertinentes, conselhos e, sobretudo, pela amizade ao longo desses anos.

À profa. Dra. Silvana Araújo, agradeço pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e pela gentileza em me conceder o *corpus* da zona urbana para a realização desta pesquisa e também por compor minha banca de defesa da dissertação.

Igualmente, agradeço à profa. Dra. Norma Lopes pelas valiosas observações no texto da qualificação, as quais contribuíram para o melhoramento desta dissertação; e também por aceitar participar da banca de defesa desta dissertação.

Aos companheiros e colegas da turma 08 do MEL, sou grata pelo convívio tão doce e suave; pelos compartilhamentos de saberes e experiências. Agradeço especialmente às minhas queridas amigas Ly e Lai, com quem compartilhei alegrias e tristezas durante a passagem pelo túnel.

Sou grata também ao amigo e colega Jan por, bondosamente, rodar os dados da pesquisa no GoldVarb.

Agradeço grandemente aos pastores e irmãos do Seminário Teológico Batista do Nordeste (STBNE) e da Igreja Batista Central, principalmente, as minhas amigas de lágrimas e risos, Thamyres, Marciana, Eliane e Mivane.

Aos membros do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), coordenador Dr. Patrício Barreiros, professores e servidores técnicos, agradeço por desempenharem suas funções com esmero, possibilitando a realização e finalização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.

Enfim, agradeço aos demais amigos que, mesmo não sendo citados, merecem a minha consideração.

O mundo intelectual é dividido em “problemas” e “mistérios”. Os primeiros podem (ou não) sucumbir à nossa teorização; os últimos nunca permitirão isso (CHOMSKY, 2000, p. 11).

RESUMO

Investiga-se nesta pesquisa o fenômeno de construções de tópico presente nas falas denominadas culta e popular da região de Feira de Santana tanto da zona urbana quanto da zona rural. Dessa forma, objetivou-se com esta dissertação analisar as construções de tópico realizadas nessa localidade e conhecer as diferenças sintáticas e discursivas dessa variedade do Português Brasileiro (PB) e, por fim, buscou-se relacionar as variações ocorridas aos fatores sociais, linguísticos e à formação sócio-histórica da comunidade de fala. As análises e discussões dos dados fundamentaram-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Os resultados revelaram que as construções de tópico fazem parte de um processo de variação em “expansão”, apontando para uma provável mudança em curso. Além disso, de acordo com as análises feitas, as estruturas de tópico estão imbricadas com outros fenômenos de mudança no PB, como a mudança na marcação de parâmetro *pro-drop* e a fixação do objeto nulo.

Palavras-Chave: Construções de Tópico; Feira de Santana; Português culto; Português popular.

ABSTRACT

The present research investigates the phenomenon of topic constructions that appears in the so-called cultured and popular speeches of the Feira de Santana region, in the urban and rural areas. Thus, the goal of this dissertation was to analyze the topic constructions that happens in this location, in addition to knowing the syntactic and discursive differences this variety of Brazilian Portuguese (PB) and, finally, it was sought to relate the variations that occurred to the social and linguistics factors and the socio-historical formation of the speech community. The analyzes and discussions of the data were based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). The results revealed that the topic constructions are part of a process of variation in “expansion”, pointing to a likely change in course. In addition, according to the analyzes made, the topic structures are interlaced with other phenomena of change in the PB, such as the change in the marking of pro-drop parameter and the fixation of the null object.

Keywords: Topic Constructions; Feira de Santana; Cultured Portuguese; Popular Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Localização de Feira de Santana	39
Figura 2 –	Localização do Distrito de Matinha – Feira de Santana	44
Figura 3 –	Comunidades Negras Rurais e Quilombolas de Feira de Santana	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1–	Distribuição geral dos <i>corpora</i>	49
-----------	---------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição dos tipos de tópico nos <i>corpora</i>	61
Gráfico 2 –	Distribuição do tópico de Objeto Direto	64
Gráfico 3 –	Distribuição do tópico pendente em percentuais	66
Gráfico 4 –	Distribuição de tópico pendente com retomada pronominal nominativo	69
Gráfico 5 –	Frequência de preenchimento pronominal	71
Gráfico 6 –	Distribuição de Topicalização Selvagem nos <i>corpora</i>	73
Gráfico 7 –	Distribuição dos dados quanto à referencialidade	84
Gráfico 8 –	Objetos nulos quanto aos antecedentes	85
Gráfico 9 –	Distribuição das CTs por faixa etária	87
Gráfico 10 –	Distribuição das CTs por sexo	89
Gráfico 11 –	Distribuição das CTs por escolaridade	93
Gráfico 12 –	Distribuição das CTs quanto ao espaço geográfico	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Crescimento da população rural e urbana no Brasil	41
Tabela 2 –	Crescimento da população de Feira de Santana	42
Tabela 3 –	Taxas de urbanização em Feira de Santana (em %)	42
Tabela 4 –	Distribuição geral das Construções de tópico nos <i>corpora</i>	60
Tabela 5 –	Evolução da retenção pronominal em posição sujeito e objeto em cinco períodos de tempo	71
Tabela 6 –	Distribuição dos dados quanto à realização de sujeito	78
Tabela 7 –	Distribuição dos dados quanto ao tipo de oração	81
Tabela 8 –	Distribuição dos dados quanto à dimensão do tópico	82
Tabela 9 –	Distribuição dos dados quanto à referencialidade	84
Tabela 10 –	Distribuição das construções por faixa etária	87
Tabela 11 –	Distribuição das construções de tópico por sexo	89
Tabela 12 –	Distribuição das construções de tópico nas falas culta e popular	91
Tabela 13 –	Distribuição das construções de tópico nas falas culta e popular por espaço geográfico	91
Tabela 14 –	Distribuição das construções de tópico por espaço geográfico	94

LISTA DE ABREVIACÕES

CNRQs – Comunidade Negras Rurais e Quilombolas

CTs – Construções de Tópico

DE – Deslocamento à Esquerda

PC – Português Culto

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PP – Português Popular

S – Sentença

SN – Sintagma Nominal

SP – Sintagma Preposicionado

SVO – Sujeito-Verbo-Objeto

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2	O TÓPICO	20
2.1	TIPOS DE TÓPICO	28
3	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	33
3.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	33
3.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA	37
3.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE DA MATINHA	44
3.4	OS <i>CORPORA</i>	47
3.5	VARIÁVEIS CONTROLADAS	49
3.5.1	Variáveis Linguísticas	51
3.5.2	Variáveis Extralinguísticas	55
4	O TÓPICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA	60
4.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	61
4.1.1	Tipos de tópico	61
4.1.2	Realização do sujeito	77
4.1.3	Tipo de oração	80
4.1.4	Dimensão do tópico	82
4.1.5	Referencialidade	83
4.2	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	86
4.2.1	Variável Faixa etária	86
4.2.2	Variável Sexo	88
4.2.3	Variável Escolaridade	90
4.2.4	Variável Espaço geográfico	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	98

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem humana tem a capacidade de transmitir emoções, ideias, história, cultura e saberes infinitos. O ser humano busca conectar-se com o mundo e com o outro em todas as suas relações através da linguagem, de sorte que é inconcebível imaginar um mundo sem uma forma de comunicação, principalmente sem uma língua. Esta, por conseguinte, é um instrumento utilizado somente pelo ser humano, como afirma Saussure (2012, p. 42) em seu Curso de Linguística Geral: “poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua”. Nesse sentido, segundo Saussure (2012, p. 41), a língua é uma parte essencial da linguagem desenvolvida pelo homem dentro de uma sociedade cujo exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza.

Entretanto, a língua não é um produto imóvel e imutável, pelo contrário, “a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 139). Assim sendo, a língua é um objeto constituído por uma heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35).

Dado o caráter heterogêneo e mutável nas línguas naturais, o linguista busca, dentre outras atribuições, descrever e analisar as variações e/ou mudanças ocorridas no sistema linguístico a fim de sistematizar as relações entre língua e sociedade. Ou seja, busca-se investigar os condicionamentos internos e externos para a propagação e difusão de uma determinada variação/mudança linguística.

Como observamos na literatura linguística, as línguas dispõem de duas estruturas básicas, uma de ordem não-marcada, que é a estrutura canônica de Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), reproduzida em (1), e outra de ordem marcada, o tópico discursivo, apresentada em (2).

(1) O Carlos encontrou a carteira na casa de banho (MIRA MATEUS et al, 1994, p. 227).

(2) A carteira¹ o Carlos encontrou-a na casa de banho (MIRA MATEUS et al, 1994, p. 228).

¹ Grifos nossos em (1) e (2).

Observando as pesquisas no nível sintático-discursivo, percebe-se que as estruturas de ordem marcada, denominadas Construções de Tópico (CTs), ainda são um terreno pouco explorado nas investigações sociolinguísticas variacionistas. Sendo assim, esta pesquisa torna-se não somente relevante para os estudos sintático-discursivos numa perspectiva variacionista, como também desafiadora para a sistematização de um fenômeno discursivo variável no Português Brasileiro (PB), especificamente na comunidade de Feira de Santana.

Conforme Almeida (2005), Feira de Santana começa a crescer mais rapidamente, a partir de 1950, motivada pela expansão industrial e passa a receber pessoas da zona rural do município e de outras regiões do estado e de todo o Nordeste brasileiro. Nesse momento, começa a existir uma grande interação entre falantes de diversas variedades rurais e urbanas do português que formaram e estão formando a variedade linguística local. Assim, a cidade começa a ser um núcleo que exerce influência cultural, econômica e linguística sobre diversas microrregiões do semiárido baiano, tornando-se de certa forma aglutinadora de diversos falares e culturas (ALMEIDA, 2005, p. 76-78).

Devido à variedade linguística local e à presença de fenômenos em processos de variação e mudança, surge a necessidade de sistematizar e estudar as variações linguísticas presentes em Feira de Santana nos espaços rural e urbano. Por isso, investigaremos nesta pesquisa o fenômeno de CTs presentes nas falas denominadas popular e culta² dessa região tanto da zona urbana quanto da zona rural, levando-se em consideração a variação presente em ambas variedades, já que, conforme Lucchesi (1994, 2001, 2004 e 2015), a caracterização da realidade linguística brasileira não pode ser feita a partir da abstração dos processos sócio-históricos que determinaram a formação da sociedade brasileira. Reafirmar-se-á, então, por meio deste trabalho que os

² Utilizaremos o termo culta; no entanto, estamos cientes da discussão realizada por Bagno (2001) e por Faraco (2008), que diz “Por tudo que afirmamos no texto, talvez melhor fariamos se abandonássemos a denominação *norma culta*. De um lado, nos livraríamos de uma carga de injustificável elitismo. Por outro lado, estaríamos nos aproximando de uma análise mais precisa da realidade linguística brasileira, na medida em que não há, pelo menos no plano da fala, diferenças substanciais entre o que se poderia chamar de norma culta e a linguagem urbana comum (...). A questão terminológica continua, porém, a nos desafiar: como encontrar qualificações de baixo teor valorativo e que façam justiça à nossa realidade linguística? ... Como contribuição à busca da melhor terminologia, usaremos no texto os três adjetivos em sequência alternativa: norma culta/comum/*standard*”. (FARACO, 2008, 62). Apesar de concordarmos com os argumentos de Faraco, continuaremos a utilizar o termo culta no sentido técnico utilizado pelo NURC, o de norma urbana falada por pessoas com nível superior completo.

fenômenos linguísticos e sociais estão inevitavelmente imbricados no processo de variação linguística.

Portanto, justifica-se essa pesquisa por trazer contribuições ao quadro das discussões teóricas relacionadas ao PB com dados que confirmam as mudanças ocorridas, como já atestadas em outras pesquisas linguísticas. Acrescente-se a isso o fato de que pesquisas relacionadas às CTs ainda não foram desenvolvidas sobre as variedades linguísticas dessa região. Este trabalho, então, constitui-se como uma ponte entre as pesquisas já realizadas e os dados das variedades encontradas em Feira de Santana.

Em suma, na tentativa de explicar as estruturas de ordem marcada, estabelecemos os seguintes questionamentos:

- a) os processos de topicalização em Feira de Santana nas variedades culta e popular se comportam como os evidenciados pelos estudos na área em relação a outras variedades do PB?
- b) quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a topicalização no português popular e culto na fala dos habitantes de Feira de Santana?

Assim, tendo em vista o objeto de estudo apresentado, os objetivos serão: analisar as construções de tópico nas variedades culta e popular feirense; conhecer as diferenças sintáticas e discursivas entre as duas variedades do português brasileiro, especificamente de Feira de Santana; investigar as ocorrências deste fenômeno como forma de variação de categoria oral no português culto e popular nas zonas urbana e rural de Feira de Santana; relacionar as variações aos fatores sociais e à formação sócio-histórica da comunidade de fala e, por fim, comparar os registros dos níveis culto e popular de modo a identificar se há ou não diferenças na realização dessas construções.

Nas próximas seções, o texto terá a seguinte organização: na seção 2 discutiremos sobre o tópico, suas características e tipos; a seção seguinte, a terceira, trataremos dos procedimentos teóricos e metodológicos com a seguinte distribuição: no item 3.1, mostraremos as bases teóricas da Sociolinguística e no item 3.2 a parte sócio-histórica da cidade de Feira de Santana; em 3.3, abordaremos sobre a parte sócio-histórica do povoado da Matinha; em 3.4, apresentaremos a composição dos *corpora* e a forma de indicação dos dados da zona rural e da zona urbana no Português Culto (PC) e no Português Popular (PP); e, por fim, no item 3.5, apresentaremos as variáveis

controladas³, linguísticas e extralinguísticas. A seção 4 será composta pela análise e discussão dos dados encontrados nos *corpora*. Por fim, na seção 5, teceremos algumas breves considerações finais da pesquisa desenvolvida.

³ Estamos considerando como variáveis os fatores linguísticos e sociais que favorecem o uso de tópico, mesmo não havendo duas formas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade.

2 O TÓPICO

As Construções de tópico não são um fenômeno recente na língua portuguesa. Pesquisas diacrônicas e sincrônicas revelam que essas construções são atestadas desde o século XVIII até a atualidade, tanto no Português Europeu (PE) como no Português Brasileiro (PB).

O tópico é um elemento que faz parte da interface sintaxe e discurso, obedecendo à estrutura da informação e, por conta disso, pode ser analisado sob duas perspectivas: sintaticamente e discursivamente, conforme apresenta Araújo (2009b):

sintaticamente, o tópico pode se realizar como um DP lexical ou pronominal, geralmente deslocado à esquerda em uma oração, em torno do qual será construído um predicado ou comentário; discursivamente, entretanto, o tópico não é visto apenas como um constituinte deslocado na oração, mas como um princípio de direcionamento do discurso, sinalizando que o falante/escritor pressupõe ser a informação desse constituinte inicial conhecida pelo ouvinte/leitor. Ou seja, o falante/escritor presume que a informação escolhida para ser o tópico já está disponível na mente do ouvinte/leitor no momento da produção linguística (ARAÚJO, 2009b, p. 51).

A noção do tópico sintático já fora discutida por Pontes (1987, p. 43). Pontes contesta a argumentação de Givón por ele considerar o tópico como um elemento discursivo-funcional apenas, enquanto o sujeito seria sintático-gramatical. Ela mostra que o tópico já é um elemento gramaticalizado e que em outras línguas, como no japonês, o tópico é indicado não só sintaticamente, mas também morfologicamente.

A construção de sujeito deslocado à esquerda (doravante DE), apontada por Pontes (1987) e Galves (1998), vem sendo estudada à luz de diferentes correntes teóricas e tem sido apontada como um traço que distancia o PB das línguas de proeminência de sujeito.

Em uma perspectiva diacrônica, tem-se rastro do tópico desde o século XVIII, como mostra Araújo (2006) na tese de doutoramento intitulada “As Construções de Tópico do Português nos Séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva”. Nessa tese, a pesquisadora apresenta dados encontrados em cartas pessoais e peças de teatro escritas por portugueses dos séculos XVIII e XIX e brasileiros do século XIX. Vejamos alguns exemplos:

(3) “Não há amigo que se não queixe, não há amante que não se desespere, porém a respeito dos primeiros **eles** se têm feito tão raros, que presentemente me parece que a desgraça de perdê-los não cairá sobre pessoa vivente.” (CO.16.97.pe.18) - Português Europeu – século XVIII.

(ARAÚJO, 2006, p. 221)

(4) “A vela que eu via no horizonte, **essa** sumiu-se.” (JN2.143.204.pb.19) - Português Brasileiro – século XIX.

(ARAÚJO, 2006, p. 221)

Já no texto “Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica no sistema pronominal”, Decat (1989) apresenta dados do século XVIII, XIX e da primeira metade do século XX detectando o encaixamento das construções de tópico no ambiente linguístico interno. Dessa forma, Decat (1989) demonstrou que as CTs não são desenvolvidas de forma isolada no sistema linguístico, mas que elas estão associadas a outros fatores, como a questão dos clíticos e a ordem dos constituintes na oração. Seguem-se alguns exemplos de CTs em correspondências (oficial e pessoal) e diários elencados por Decat (1989):

(5) “o corpo dos Ministros achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si” (...) (1768, C9:11-112).

(DECAT, 1989, p. 117)

(6) “porque as carnes que se comem a maior parte dellas são sensaboríssimas” (...) (1768, C9:42-43).

(DECAT, 1989, p. 117)

(7) “Os mares da Bahia parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas” (...) (1850, C5:12-13 §2).

(DECAT, 1989, p. 118)

(8) “Êste país o achei com pouco mais adiantamento que aquêlê que lhe estabeleceu Pedro Alvares Cabral quando fez a descoberta desta conquista” (...) (1768, C32: 31-33).

(DECAT, 1989, p. 125)

Assim, é importante ressaltar esses estudos diacrônicos para podermos analisar mais precisamente de que forma esse fenômeno foi se incorporando na comunidade de fala, pois como afirma Tarallo (2007), “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração” (TARALLO, 2007, p. 64).

Pezatti (2011, p. 183) comenta que o tópico é um dos elementos mais tratados pelas diversas tendências funcionais e formais e, paradoxalmente, um dos mais controversos na literatura linguística. Em Pontes (1986, p. 177), encontramos também essa mesma ideia sobre a definição do tópico; ela diz que o conceito de tópico, ao longo da história, não é muito definido, pois esse conceito pode se confundir com o de sujeito, visto que tanto um quanto outro parecem corresponder àquilo ou àquele de quem se declara alguma coisa. Entretanto, ela comenta que Li e Thompson, em 1976, advogam que, pelo menos em certas línguas, a estrutura tópico-comentário é básica e mostra que em línguas como o chinês são normais sentenças como (9) e (10):

(9) h ɛ chi tē pē? dà? Já (Lahu)

Campo este um-classif. arroz muito bom

“Este campo (tópico), o arroz é muito bom” (PONTES, 1987, p. 13).

(10) Nèi-chang huó xìngkuì xiáofang-duì lái de kuài

aquele-class. fogo feliz corpo de bombeiros veio adv.

“Aquele fogo (tópico), felizmente o corpo de bombeiros veio rápido” (PONTES, 1987, p. 13).

Somam-se a essas construções em chinês as estruturas analisadas por Kato (1989) no japonês. Nesse estudo, Kato (1989) compara o estatuto categorial e funcional do sujeito e do tópico tanto no japonês quanto no PB. Temos, então, os seguintes exemplos:

(11) Mari-wa, kuruma-ga koshoshita

A Maria, o carro dela quebrou (KATO, 1989, p. 109).

(12) Kono ie-wa hi-ga ataru

Essa casa entra sol (KATO, 1989, p. 109).

Kato (1989) observa que os estudos sobre as partículas *-wa* e *-ga* no japonês parecem correlacionar-se com o tópico e sujeito, respectivamente, na descrição do PB.

Em PB, encontramos construções desses tipos e de outros, em que se enuncia um tópico seguido de um comentário, como podemos observar em (13) e (14):

(13) a diretora do colégio, *ela* queria excluir eu e minha irmã da bolsa (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 194).

(14) Natal, passei reunida com a minha família (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 194).

Então, Pontes (1986) afirma que o tópico não se confunde com o sujeito, pois é um elemento independente. E diz que o próprio Chomsky, em 1965, coloca o tópico como um elemento independente do sujeito. Dessa forma, segundo Pontes (1986), se o tópico é (ou pode ser) um elemento independente do sujeito, mais uma razão para se ter uma definição independente. Por isso, é necessário distinguir o tópico como elemento da S (Sentença), do tópico como elemento do discurso, embora ela mesma afirme que “[...] o tópico é dependente do discurso, enquanto que o sujeito é dependente da sentença” (PONTES, 1987, p. 21).

Acrescenta-se também a noção de que o tópico pode ser visto como o elemento da oração que se refere à informação dada, de conhecimento pressuposto, tendo, portanto, características semântico-pragmáticas (ARAÚJO, 2006). Esta noção nos mostra que o falante/escritor pressupõe que o ouvinte/leitor tem conhecimento da informação dada. Esta pode se estruturar de forma marcada, o tópico, ou não-marcada, sujeito. Como observamos em (15) e (16), respectivamente:

(15) A: Quando você vai visitar João?

B: João, vou visitá-lo amanhã (ARAÚJO, 2006, p. 18).

(16) A: Quando João comprou o livro?

B: João comprou o livro ontem (ARAÚJO, 2006, p. 18).

Araújo (2006) esclarece que o exemplo em (16B) seria uma construção canônica de tópico não marcado, visto que o sujeito está na posição de tópico. Enquanto que em

(15B) observamos a ocorrência de uma ordem marcada, em que o constituinte João, apesar de estar no início da oração, não é o sujeito, mas o objeto direto na sintaxe, deslocado à esquerda, com a função de tópico, de acordo com a estrutura da informação.

Assim, sob a perspectiva da estrutura da informação, o tópico é visto como um direcionamento do discurso, sinalizando que o falante deduz ser esse constituinte uma informação conhecida pelo ouvinte. Porque vem no início da oração, o tópico tem a função de orientar o ouvinte para a construção do significado ou para o estabelecimento de relações com outras informações na sentença, no texto ou na situação. Araújo (2006) mostra também que

[...] sintaticamente, o tópico deslocado à esquerda é um constituinte que ocorre no início da oração, geralmente antes do sujeito (se houver). Discursivamente, ele é considerado como o elemento que tem como função ou marcar a transição na mudança de assunto ou retomar o que foi dito antes, estabelecendo a progressão temática do texto (ARAÚJO, 2006, p. 19).

Observando o tópico sintaticamente, Galves (1998) defende que o PB distingue-se das outras línguas românicas por apresentar construções nas quais um verbo transitivo vem acompanhado somente do seu argumento interno, em posição pré-verbal, sem que nenhuma marca flexional indique modificação na projeção da estrutura argumental do verbo. Para exemplificar esse pensamento, ela apresenta a seguinte sentença:

(17) A balança está consertando (GALVES, 1998, p. 19).

Entretanto, ela também diz que se observam construções pseudo-transitivas em que um verbo ergativo vem precedido de um SN (Sintagma Nominal) que não é interpretado como agente ou causa do processo expresso pelo verbo, mas como locativo ou todo do qual o SN pós-verbal é uma parte, como ilustrado em (18) e (19):

(18) Esta casa bate sol (GALVES, 1998, p. 19).

(19) O relógio quebrou o ponteiro (GALVES, 1998, p. 20).

Em relação à tipologia das línguas, Pontes (1987, p. 11), citando Li e Thompson no texto intitulado *Subject and Topic: a new typology of language*, de 1976, diz que eles propõem uma nova tipologia das línguas, conforme nelas predominem relações de

tópico-comentário ou de sujeito-predicado. De acordo com esta proposta, as línguas seriam divididas em quatro tipos:

I – línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é mais descrita como de sujeito-predicado, como, por exemplo, as línguas indo-europeias;

II – línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de tópico-comentário, como o chinês;

III – línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes, exemplo do japonês;

IV – línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, assim como o tagalog (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 177-178).

Portanto, diante dessa tipologia, é importante saber onde o português se situa. Pontes (1987) e Galves (1998, 2001) afirmam que “o PB é uma língua de proeminência tanto de tópico quanto de sujeito, haja vista a possibilidade dos dois tipos de construção” (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 178).

Essa orientação para o tópico, segundo Galves (1998), aparece em frases constituídas somente de um verbo, com o tópico claramente presente no contexto. Seguem os exemplos abordados por ela retirados de textos autênticos:

(20) Carpete de madeira:

- não empena
- não encera (GALVES, 1998, p. 20).

(21) Calvin: Onde está a minha cueca de dinossauros?

Mãe: está lavando! (GALVES, 1998, p. 20).

Com estes exemplos, Galves (1998, p. 20) diz que, em (20), os dois verbos referem-se paralelamente ao tópico, apesar deste corresponder ao argumento externo do primeiro e ao argumento interno do segundo. Em (21), apesar do SN “cueca” corresponder ao argumento interno de “lavar”, o verbo continua na voz ativa embora não seja expresso nenhum agente, dando a impressão de que esse SN recebe a função de sujeito na frase. Ela ainda mostra mais dois exemplos construídos a partir das frases (20) e (21):

(22) Carpete de madeira não encera (GALVES, 1998, p. 20).

(23) A cueca de dinossauros do Calvin está lavando (GALVES, 1998, p. 20).

Assim, Galves (1998) discute que nas outras línguas românicas, inclusive o PE, essas frases requerem uma marca flexional no verbo legitimando a ausência de projeção do argumento externo do verbo, e o consequente alçamento do argumento interno. Para tanto, ela mostra que no PE, por exemplo, encontraríamos respectivamente a voz média, expressa pelo clítico *se*, e a voz passiva, como ilustrado nas frases (24) e (25):

(24) Carpete de madeira não se encera (GALVES, 1998, p. 20).

(25) A cueca de dinossauros do Calvin está a ser lavada (GALVES, 1998, p. 20).

Galves (1998), então, argumenta que:

[...] nas línguas orientadas para o sujeito, se a expressão nominal mais proeminente da sentença não é o argumento externo do verbo, aparecem marcas dessa não correspondência entre a estrutura sintática e a estrutura argumental seja no verbo (voz passiva, voz média), seja pela presença de marcas claras de topicalização, em particular a presença de pronomes lembretes. Nas línguas orientadas para o tópico, isso não é necessário (GALVES, 1998, p. 20).

Pontes (1987) mostra que no PB qualquer SN pode ser tópico e, para isso, traz os seguintes exemplos:

(1) Objeto Indireto – **A Joana**⁴ não se deve confiar (PONTES, 1987, p. 18, (36)).

(2) Objeto Direto – **A Belina** o Hélio levou prá oficina (PONTES, 1987, p. 18, (40)).

(3) Adjuntos Adnominais – **Esse negócio** o prazo acaba (PONTES, 1987, p. 18, (41)).

(4) Complemento nominal – **Isso aí** eu tenho dúvida (PONTES, 1987, p. 19, (43)).

(5) Adjunto circunstancial – **Qualquer elemento** você pode fazer isso (PONTES, 1987, p. 19, (44)).

⁴ Grifos nossos.

(6) Adjunto predicativo – **Banana ouro** – é a única banana que eu gosto (PONTES, 1987, p. 19, (45)).

(7) Sujeito – **Essa competência** ela é de natureza mental (PONTES, 1987, p. 19, (48)).

Além disso, Pontes (1987, p. 19), baseando-se em Li e Thompson (1976), mostra algumas características do tópico nas línguas de tópico. São elas:

- a) Definição – o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido.
- b) Relações seletivas – o tópico não precisa ter relações seletivas com o verbo, o sujeito sim.
- c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico – segundo Li e Thompson (1976), pode-se prever de um determinado verbo com que o sujeito vai ocorrer. Já o tópico não tem nada a ver com o verbo. Sua seleção é independente do verbo.
- d) Papel funcional – o papel funcional do tópico é constante através das sentenças. “Ele é o centro das atenções”, “ele anuncia o tema do discurso”. O tópico está mais ligado ao discurso.
- e) Concordância verbal – é muito comum nas línguas o sujeito entrar em relação de concordância com o verbo, mas concordância de tópico com verbo é rara.
- f) Posição inicial na sentença – foi notado que em todas as línguas o tópico sempre vem em posição inicial de S, mesmo naquelas que têm uma partícula marcadora de tópico como o japonês⁵.
- g) Processos gramaticais – O sujeito, mas não o tópico, desempenham um papel proeminente em processos como reflexivização, passivização [...]. Todos esses processos que são internos à sentença, são dependentes do sujeito. O tópico, como é independente da S, não governa tais processos sintáticos.

⁵ Sobre essa partícula em japonês, Kato desenvolve um trabalho intitulado “**Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?**”, no qual compara o estatuto categorial e funcional do sujeito e do tópico no japonês e no português do Brasil.

2.1 TIPOS DE TÓPICO

Dada a variedade e diversidade de classificação sobre o tópico, faz-se necessário discutirmos os tipos de tópico comumente encontrados na literatura. Assim, revisitaremos algumas classificações propostas por alguns pesquisadores desse fenômeno.

Brito, Duarte, e Matos (2003) apresentam cinco tipos de classificação para as construções de tópico marcado para o PE. São eles: Tópico Pendente, Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente, Deslocação à Esquerda Clítica, Topicalização e Topicalização Selvagem.

a) Tópico Pendente - esse tipo de tópico é exemplificado com as construções em (26) e (27), abaixo:

(26) Quanto ao debate de ontem à noite, é forçoso reconhecer que há políticos que falam sobre um país que não conhecem (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 492).

(27) “... filmes estrangeiros, estamos a ver o filme até ao fim e não sabemos do que se trata” (PF, G 1245) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 492).

A partir dessas sentenças, elas destacam as quatro propriedades para o tópico pendente. São elas: “(i) exibem grau mínimo de sintactização”, visto que não há relação sintática entre o tópico e o comentário, apenas relação semântica; “(ii) o tópico pode ser um SN, ou ser regido por uma preposição ou locução preposicional como *quanto a*, *acerca de*, *no que diz respeito a*, *relativamente a*”; “(iii) a relação tópico-comentário apenas obedece à Condição de Relevância, que estipula que o comentário deve ser relevante acerca do tópico”; e, “(iv) no plano textual, funciona frequentemente como uma estratégia de introdução de um tópico de transição (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 492 - 493).

b) Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente – é a construção em que apresenta: “(i) grau de sintactização fraco: apenas apresenta conformidade de traços gramaticais de pessoa, género e número entre o tópico e um constituinte interno ao comentário”; “(ii) a Condição de Relevância assume a forma de co-referência entre o tópico e o constituinte

interno ao comentário conforme em traços de pessoa, género e número”; “(iii) no plano textual, esta construção é uma estratégia muito utilizada na resposta a perguntas sobre o constituinte que ocorre como tópico” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 493). Vejamos os exemplos trazidos pelas autoras:

(28) *O João... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu* (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 493).

(29) (a) Tens sabido alguma coisa do João ultimamente?

(b) *O João... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu* (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 493).

c) Deslocação à Esquerda Clítica – essa construção é ilustrada em (30) e caracteriza-se pelas seguintes propriedades: “(i) apresenta grau elevado de sintactização”; “(ii) o constituinte interno ao comentário conectado com o tópico é obrigatoriamente um pronome clítico”; “(iii) não está restringida a contextos de frase-raiz”, como em (31); “(iv) ocorre à esquerda de constituintes em especificador de SComp em frases-raiz e à direita do complementador em frases encaixadas”; “(v) é sensível a ilhas”; “(vi) pode ocorrer mais do que um tópico marcado por oração”, como exemplificado em (32); “(vii) A cadeia formada pelo tópico marcado e pelo pronome clítico não legitima lacunas parasitais⁶”; “(viii) no plano textual funciona ora como uma estratégia de preservação do tópico, ora como uma estratégia de listagem exaustiva (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 494 - 496).

(30) “... os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos.” (PF, G 1243) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 494).

(31) Sei que aos gerentes, os trata como se fossem míseros contínuos (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 495).

⁶ *Lacuna parasita* consiste na legitimação de uma categoria vazia.

(32) A nós, essa proposta, o João só no-la fez há poucos minutos (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 495).

d) Topicalização – possui as seguintes propriedades: “(i) apresenta um elevado grau de sintactização: exhibe propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com um constituinte interno ao comentário”, como em (33); “(ii) o constituinte conectado com o tópico é obrigatoriamente uma categoria vazia”; “(iii) não está restringida a contextos de frase-raiz”; “(iv) pode ocorrer mais do que um constituinte topicalizado por oração”; “(v) ocorre à esquerda de constituintes em posição de especificador de SComp, enquanto em frases encaixadas ocorre à direita do complementizador”; “(vi) é sensível a ilhas”; “(vii) a categoria vazia presente no comentário legitima lacunas parasitas”; “(viii) no plano textual, a Topicalização pode introduzir um novo tópico no discurso (34a), pode ser utilizada como uma estratégia de progressão temática (34b), ou pode servir para pôr em contraste a predicação expressa pelo comentário acerca do tópico com outra predicação contida no discurso anterior (34c)”; e, por fim, “(ix) a Topicalização não cria ilhas tópicas tão fortes como a Deslocação à Esquerda Clítica” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 497 - 500).

(33) “Piscina, não sabia que tinha [-]” (PF, G 1320) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 497).

(34) (a) Pão, ainda há [-]?

(b) Gostas de perfumes?

Ah sim, perfumes, adoro [-].

(c) Aposto que **ainda não leste** o último artigo do Chomsky.

Não, não. Por acaso esse, já li [-] (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 499).

e) Topicalização selvagem – segundo as autoras, esse tipo é uma variação da Topicalização típica do modo oral, ilustrada em (35a) e (35b):

(35) (a) Essa cerveja, eu não gosto [-].

(b) Esse relatório, acho que não precisamos [-] para a reunião de hoje (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 501).

Em sequência, elas destacam as seguintes características da Topicalização selvagem: “(i) exibe algum grau de sintactização: apresenta conectividade referencial e temática, mas não conectividade categorial e casual”; “(ii) ocorre tipicamente em contextos de frase-raiz”; “(iii) é aceita pelos falantes da norma culta no modo oral informal, desde que o elemento suprimido seja uma preposição sem conteúdo semântico”, como observado pelo contraste no exemplo em (36):

(36) *O João, conversei [-] na festa vs. Com o João, conversei [-] na festa (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 501).

Por fim, Brito, Duarte e Matos (2003, p. 502) ressaltam que em certas variedades do português, particularmente no PB oral, os falantes aceitam como gramaticais frases paralelas a (36) como as reproduzidas em (37a) e (37b):

(37) (a) *Lingüista a gente não pode conversar mais [-] não.*

(cf. *Com linguista a gente não pode conversar mais [-] não*)

(b) *O seu regime entra muito laticínio [-].*

(cf. *No seu regime entra muito laticínio [-].*) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 502).

Além de Brito, Duarte e Matos (2003), Galves (1998) também apresenta uma possível classificação para as CTs. Porém, sua classificação se restringe ao tipo que ocorre no PB, são elas:

a) Tópico sujeito – segundo Galves (1998, p. 23), as construções de tópico sujeito apresentam as seguintes propriedades: (i) não há pronome lembrete retomando o SN anteposto; (ii) não há concordância entre o verbo e o SN pós-verbal; (iii) o argumento externo do verbo está ausente; e, (iv) quando o SN anteposto e o SN pós-posto estão numa relação genitiva, deve haver uma interpretação semântica parte/todo entre eles.

Abaixo reproduzimos os exemplos dados por Galves (1998) para esclarecer estas propriedades:

(38) (a) Estas casas batem muito sol.

(b) *Estas casas batem muito sol nelas (GALVES, 1998, p. 22).

(cf. Estas casas bate muito sol nelas)

(39) (a) Quebrou o pé da mesa

(b) A mesa, quebrou o pé dela.

(c) A mesa quebrou o pé.

b) Tópico com pronome lembrete – Galves (1998, p. 22) evidencia que o pronome lembrete e a concordância são dois recursos mutuamente exclusivos de legitimação da anteposição do SN, ou seja, ou o SN anteposto é retomado por um pronome lembrete ou ele concorda com o verbo. Não há possibilidade de ocorrer os dois simultaneamente, como verifica-se em (38a) e (38b), acima.

Por fim, apresentaremos o último tipo de classificação apontada por Araújo (2009) que consideramos relevante para os propósitos desta pesquisa: **o tópico cópia**. Conforme Araújo (2009, p. 237), o tópico cópia recebe essa denominação porque a retomada interna à oração é feita pela cópia do termo topicalizado, como ilustrado em (40a) e (40b):

(40) (a) aí o tratô... a carreta empurro **o tratô**, e aí desceu de ladêra abaxo lixado... (HV- 4).

(b) agora, Teofil’Otone, num conheço **Teofil’Otone** direito... (HV- 12) (ARAÚJO, 2009, p. 238).

Em suma, sabe-se que há outras formas de classificação possíveis para categorizar os tópicos; no entanto, consideraremos somente os arrolados nesta subseção por servirem de base para nossa análise.

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A escolha teórico-metodológica é essencial e constitui-se como *conditio sine qua non* para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. Logo, fizemos a escolha que se mostrou mais adequada para os objetivos estabelecidos para esta pesquisa e conforme o recorte que fizemos para a análise das Construções de Tópico no português falado em Feira de Santana nas variedades culta e popular. Assim, a partir do estudo que aqui se delinea, tenciona-se contribuir para a sistematização de um fato sintático-discursivo corrente no Português Brasileiro.

É, portanto, com o intuito de se construir uma pesquisa que seja relevante no âmbito das investigações sintáticas que nos lançamos a abordar aspectos do fenômeno aqui proposto sob uma perspectiva teórico-metodológica consolidada nos estudos linguísticos, a saber: a Teoria Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a qual nos dará o suporte teórico-metodológico necessário para a interpretação dos resultados.

Assim, o objetivo principal em alinhar este trabalho com a Teoria da Variação e Mudança Linguística se dá pelo fato de a metodologia da Sociolinguística subsidiar o estudo da língua em uso dentro da comunidade real de fala, atentando-se, assim, para os aspectos linguísticos e sociais. Dentro deste campo de pesquisa, a Sociolinguística Variacionista considera a heterogeneidade linguística como fator inerente a qualquer língua viva. Nas palavras de Coseriu (1979, p. 32): “a língua viva não permanece nunca em repouso, está em contínua transformação”.

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A partir do ano de 1964, a Sociolinguística surgiu como novo modelo para análise linguística e mostrou que o sistema linguístico é heterogêneo e que essa heterogeneidade linguística tem interferências internas à língua, fatores linguísticos, e externas a ela, fatores extralinguísticos.

Por conseguinte, os estudos da variação e mudança sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov (2008 [1972]), aborda a língua como heterogênea e condicionada por fatores linguísticos e sociais. Portanto, a Sociolinguística considera a língua como um fenômeno variável e que ocorre em toda e qualquer língua natural. Com isso, a Sociolinguística entende que a língua é governada

por regras inerentes ao seu sistema interno e por fatores exteriores a ele. Logo, a variação e a mudança linguística não é aleatória ou desorganizada, mas regulada por um conjunto de regras compartilhadas pela comunidade de fala.

Os estudos sociolinguísticos ajudam a descrever e analisar cientificamente os fenômenos variáveis, podendo, então, sistematizar os períodos de variação ocorridos na língua. Assim, para que se possa ter uma pesquisa com metodologia sociolinguística, é necessário que haja inicialmente a observação da comunidade a qual se pretende analisar; formação do *corpus* com a seleção dos informantes e a coleta de dados; e, finalmente, análise e interpretação dos dados. Esta última parte é a mais complexa e a mais importante nos estudos sociolinguísticos, pois é nessa etapa que se pode identificar a variação e a mudança, em curso ou na fase final de implementação.

De acordo com Mollica (2007, p. 10), a Sociolinguística parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Dessa forma, o linguista busca identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que favorecem um determinado uso, já que “a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante” (LABOV, 2008, p. 140). Sendo assim, existem certas variantes dentro de uma comunidade que são estigmatizadas socialmente e revelam uma forte tendência para a estratificação social.

Sobre a estratificação social, constata-se, através da pesquisa feita por Labov (2008) em que ele desenvolveu um estudo sociolinguístico sobre o inglês da cidade de Nova York, uma nítida estratificação nos grupos selecionados para a investigação. Nessa pesquisa, ele observou a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica, como em *car*, *card*, *four*, *fourth* etc.

Por conseguinte, os resultados de sua análise revelaram que a variável linguística [r] é um diferenciador social em todos os níveis da fala de Nova York, pois a ausência da consoante /r/ foi considerada estigmatizada socialmente, enquanto a presença da mesma consoante em contexto idêntico foi a variante de prestígio. Em suma, “a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social” (LABOV, 2008 [1972], p. 64), e “suas consequências são apenas um tipo de processo social que se reflete nas estruturas linguísticas” (LABOV, 2008 [1972], p. 147).

Labov (2008 [1972], p. 221) afirma que é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma coisa”. Portanto, a partir dessa afirmação, percebemos que não há um “padrão correto”, mas há um “padrão de prestígio”, porque

esse “padrão” é exigido pelos grupos dominantes mediante a imposição de uma norma única.

Dessa forma, a norma de prestígio está tão arraigada no imaginário social como a maneira “correta” de se expressar, que a variante estigmatizada é tida como desvio da norma. Sobre esse ponto, Labov (2008 [1972], p.146) revela que

Um grande volume de dados mostra que os falantes da classe média baixa têm a maior propensão à insegurança linguística e, por conseguinte, tendem a adotar, mesmo na idade madura, as formas de prestígio usadas pelos membros mais jovens da classe de status mais elevado. A insegurança linguística é mostrada [...] por seu esforço consciente de correção; e por suas atitudes fortemente negativas para com seu padrão de fala nativo (LABOV, 2008 [1972], p.146).

Sobre isso, Mattos e Silva (2001, p. 23) diz que a sociolinguística se funda em uma concepção de língua que apresenta uma ruptura com o modelo estruturalista que tem como objeto a língua, sistema abstrato e homogêneo, descontextualizado da realidade da sociedade de que é instrumento privilegiado de expressão. Então, a sociolinguística tenta implementar a consciência de **normas sociais**, sempre **plurais**, **normais**, **implícitas**, **objetivas**, **conviventes**, ao contrário de uma norma sempre **singular**, **normativa**, **prescritiva**, **explícita**, **subjativa**, **segregadora**⁷, própria à tradição escolar enraizada em nossa sociedade (MATTOS E SILVA, 2001, p. 28).

Assim sendo, Mollica (2007) mostra que

os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (p. 13).

Em relação à formulação do modelo teórico para a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) formularam cinco problemas teóricos centrais que o pesquisador precisa responder em uma pesquisa sociolinguística, a saber: o problema dos fatores condicionantes; o problema da transição; o problema do encaixamento; o problema da avaliação; e, o problema da implementação, os quais passamos a elencá-los sucintamente:

⁷ Grifos nossos

1. *O problema dos fatores condicionantes* – o cerne deste problema é investigar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Ou seja, busca-se generalizações e restrições que regem a estrutura da língua.
2. *O problema da transição* – este problema tem a ver com a maneira com que uma determinada mudança avança através de sucessivas faixas etárias da população. Assim, entre dois estágios observados de uma mudança em progresso, poder-se-ia descobrir como a estrutura A evoluiu para a estrutura B.
3. *O problema do encaixamento* – as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. Ou seja, como um fenômeno linguístico é encaixado na estrutura linguística e na estrutura social, pois um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro.
4. *O problema da avaliação* – Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam que a teoria linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. E que, além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente.
5. *O problema da implementação* – este problema revela que o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. Então, os autores sugerem que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala.

Por fim, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) elencam sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística. São eles:

1) A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

2) A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala.

3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea.

5) As gramáticas em que ocorrem a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala.

6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo.

7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Com isso, reafirmamos a necessidade de se estudar os fenômenos linguísticos observando não apenas os elementos da estrutura linguística, mas, sobretudo, os elementos sociais que influenciam e favorecem a variação e mudança.

A seguir, situaremos o *locus* da pesquisa, visto que a língua, como objeto inerentemente variável e heterogêneo, não muda ou varia apenas internamente ao seu sistema gramatical, ela é regulada por fatores exteriores a ela, como a constituição sócio-histórica de um lugar. Dessa forma, apresentaremos a seguir a formação sócio-histórica de Feira de Santana e do povoado da Matinha, já que “a história de uma língua realmente se esclarece pela história social e política do povo que usa essa língua” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 91).

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE FEIRA DE SANTANA

Feira de Santana, situada na região do semiárido baiano e a 110 Km aproximadamente de Salvador, é uma cidade conhecida por seu comércio, que é parte integrante de sua história.

De acordo com Freire (2011, p. 22), nos primeiros anos do século XVII apareceram concessões de sesmarias em favor de João Peixoto Viegas. Então, “nessas sesmarias ele estabeleceu as suas fazendas de gado e, numa delas, deu-se início à povoação de Itapororocas, com erguimento e posterior instituição de capela, sob o orago de São José” (FREIRE, 2011, p. 22).

Freire (2011) diz também que, ao longo do século seguinte, as terras pertencentes a Veigas foram fracionadas e vendidas por seus herdeiros, favorecendo o surgimento de outras fazendas e o povoamento dessas terras:

Além do povoamento das suas terras pelas fazendas de gado, havia também pequenas propriedades onde essa atividade era explorada. A pecuária desenvolvida na região era de forma extensiva e a dinamização econômica de suas terras se deu através das culturas agrícolas citadas, cujas atividades eram amparadas pela força de trabalho escravo (FREIRE, 2011, p. 23).

Almeida (2005, p. 64-65) complementa essa ideia ao dizer que há notícias de fazendeiros portugueses e descendentes portugueses que se estabeleceram na região de Feira de Santana e que “o português João Peixoto Viegas, em fins do século XVII, dizia que estava estabelecido na região tinha alguns anos”.

Entretanto, há também relatos de que a origem de Feira de Santana “remonta ao início do século XVIII, quando um casal de moradores doou terras para construção de uma capela sob a invocação de Santa Ana e São Domingos” (GALVÃO, 1982 *apud* FREIRE, 2011, p. 23). Com a edificação dessa capela, uma feira de gado semanal foi se formando em seu entorno e, então, o comércio começou a se desenvolver nessa localidade, resultando em uma povoação cada vez maior.

Com sua posição privilegiada, sendo um dos principais entroncamentos de rodovias do Norte-Nordeste brasileiro, Feira de Santana servia como ponto de descanso das boiadas vindas do sertão em direção ao litoral, fato que acelerou ainda mais seu crescimento populacional (FREIRE, 2011), como confirma Freitas (1998):

A sua posição geográfica, entre o litoral e o interior, influenciou nas condições econômicas. Constituiu-se desde o início de sua formação em um entroncamento, passagem obrigatória para quem circula para o norte ou para o sul do país, e o fato de ter um sistema de cruzamento de estradas de rodagem, fez com que, se transforme num centro de comercialização de produtos (FREIRE, 2011, p. 65).

Como podemos observar no mapa abaixo, Feira de Santana está localizada em um ponto estratégico para seu grande crescimento econômico e populacional, possuindo confluência com as rodovias BR-101 (Norte e Sul), BR-116 e BR-324.

Sobre isso, Freitas (1998, p.164) revela: “não se pode negar a importância do CIS para o processo de industrialização da cidade e a capacidade que este dispõe de exercer atração populacional”. E mais:

Em Feira de Santana, a industrialização foi importante fator de crescimento nas três últimas décadas, contribuindo evidentemente para a evolução urbana, sendo possível concluir que se constitui também como principal elemento impulsionador da expansão (FREITAS, 1998, p. 163-164).

Entretanto, sabe-se que o comércio em Feira de Santana exerce bastante influência no cenário econômico, muito mais do que a indústria, como afirma Freitas (1998, p. 164): “O processo de industrialização de Feira de Santana ainda tem suas características marcadas pelas condições histórico-estruturais, isto é, o comércio é tradicionalmente a principal atividade econômica feirense”, embora o processo de industrialização até o ano de 2008 tenha crescido. Sobre essa questão, posiciona-se Oliveira (2014):

No período de 2001 a 2008, a cidade retoma seu desenvolvimento. O comércio, gênese de sua formação, é reaquecido com a chegada de grandes redes varejistas e atacadistas. Ocorre um processo de revitalização do CIS com a chegada de novas fábricas, atraídas por incentivos fiscais. Assim, presenciamos um processo de reindustrialização no município. Feira de Santana começa a receber grande contingente populacional em busca de educação, emprego, saúde, moradia, enfim, em busca de melhores condições de vida (OLIVEIRA, 2014, p. 58).

Corroborando com esta ideia, Almeida (2005) comenta que Feira de Santana começa a crescer rapidamente, a partir de 1950, motivada pela expansão industrial e assim passa a receber pessoas da zona rural do município e de outras regiões do estado e de todo o nordeste brasileiro. Nesse momento, passa a existir uma grande interação entre falantes de diversas variedades rurais e urbanas do português que formaram e estão formando a variedade linguística local. Assim, a cidade começa a ser um núcleo que exerce influência cultural, econômica e linguística sobre diversas microrregiões do semiárido baiano, passando a receber população flutuante e permanente de indivíduos da microrregião, tornando-se de certa forma aglutinadora de diversos falares e culturas (ALMEIDA, 2005).

É notório que o crescimento urbano motivado pela industrialização se deu em todo o território nacional, como destaca Oliveira (2014):

A urbanização brasileira contemporânea foi marcadamente influenciada pelas transformações econômicas, políticas, sociais e espaciais, propiciadas pela intensificação e mudança nas formas de articulação do Brasil com a economia capitalista. O conjunto dessas transformações inicia no século XIX e tem suporte na expansão da economia cafeeira, que promoveu as apropriações da terra em bases capitalistas, e na constituição de uma formação socioespacial que, baseada na agricultura, gerou a industrialização e uma estruturação com a cidade e o campo e entre as cidades (OLIVEIRA, 2014, p. 19).

É fato que a população brasileira cresceu bastante ao longo dos dois últimos séculos e a migração maciça do campo para a cidade ocorreu de forma acelerada nas décadas de 50 e 60, como podemos comprovar na tabela abaixo:

Tabela 1: Crescimento da população rural e urbana no Brasil

Ano	População total	População urbana	% População urbana	População rural	% população rural
1940	41.236.315	12.880.182	31,2	28.356.133	68,8
1950	51.944.397	18.782.891	36,1	33.161.506	63,9
1960	70.992.343	32.004.817	45,1	38.987.526	54,9
1970	94.508.583	52.904.744	56,0	41.603.839	44,0
1980	121.150.573	82.013.375	67,7	39.137.198	32,3
1991	146.917.459	110.875.826	75,5	36.041.633	24,5
2000	169.590.693	137.755.550	81,2	31.835.143	18,8
2010	190.755.799	160.925.792	84,4	29.830.007	15,6

Fonte: IBGE (extraído de Bortoni-Ricardo, 2004, p. 18) (adaptado)

Observa-se nesses dados que a população urbana no Brasil até 1960 ainda era menor que a população rural, 45,1%. Entretanto, a partir de 1970 a população urbana da sociedade brasileira já passava da metade da população total com crescimento contínuo e acelerado, como vemos em 2010 com 84,4% de população urbana e somente 15,6% de população rural.

De acordo com Oliveira (2014), o processo de migração campo-cidade eclodiu violentamente devido ao surgimento da indústria de bens de consumo durante o governo Vargas, trazendo consequências à população que se formou. Conforme Oliveira (2014):

Os anos 1950 e 1960 foram marcados pela intensificação da migração para os grandes centros; credita-se à industrialização e à urbanização a razão dessa mobilidade social. No entanto, logo o fenômeno da migração se depara com os processos de exclusão e marginalização a

que são submetidos os migrantes das diversas regiões do Brasil que começam a revelar suas angústias e frustrações por não alcançarem uma melhor condição de vida e por se depararem com culturas tão distantes de suas origens (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

No que tange ao aspecto linguístico, Lucchesi (2006) mostra que:

A transformação do Brasil, no século XX, em um país capitalista e monopolista tem como os seus principais vetores a industrialização e a urbanização da sociedade brasileira. No plano linguístico, o êxodo rural promoveu a conversão de uma ampla variação diatópica em uma profunda variação diastrática (LUCCHESI, 2006, p. 93).

Em relação ao crescimento populacional em Feira de Santana entre os anos 1950 a 2010, houve um crescimento acelerado da população urbana, conjuntamente com o crescimento demográfico dessa mesma localidade. Vejamos as Tabelas 2 e 3:

Tabela 2: Crescimento da população de Feira de Santana

População	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	19.660	34.277	69.884	131.720	233.905	348.973	431.730	510.637
Rural	63.608	72.928	71.873	55.570	57.599	56.875	49.219	46.007
Total	83.268	107.205	141.757	187.290	291.504	406.447	480.949	556.642

Fonte: IBGE. Censo Demográfico – Bahia (extraído de Araújo, 2014, p. 158) (adaptado)

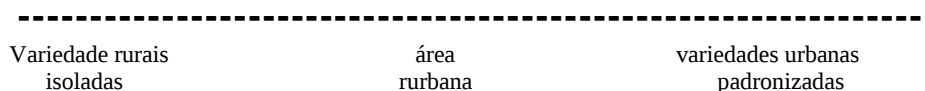
Tabela 3: Taxas de urbanização em Feira de Santana (em %)

Ano	População urbana
1950	31,97
1960	49,30
1970	70,63
1980	80,24
1991	85,89
1996	87,45
2000	89,77

Fonte: IBGE. Censo Demográfico (extraído de Freitas, 1998, p. 128) (adaptado)

De acordo com as tabelas 2 e 3, podemos observar que nas décadas de 50 a 60 a população de Feira de Santana era basicamente rural, chegando a compor em mais da metade na zona rural nas décadas de 50 e 60. Observa-se ainda que o crescimento urbano deu um salto na década de 70, tendo uma taxa de urbanização de aproximadamente 80% na década de 80.

Com base nos dados apresentados, podemos afirmar que a construção da zona urbana de Feira de Santana é composta por uma população mista, abrangendo pessoas de várias localidades, além do intenso fluxo de pessoas oriundas da zona rural. Logo, o município pode ser classificado como uma área rurbana, conforme define Bortoni-Ricardo (2005, p. 92): “o conceito de ‘rurbano’ para definir populações rurais com razoável integração com a cultura urbana e populações urbanas com razoável preservação de seus antecedentes rurais, torna-se muito operacional”. Além disso, Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) apresenta o *contínuo* de urbanização, reproduzido a seguir:



Sobre a área rurbana, ela comenta:

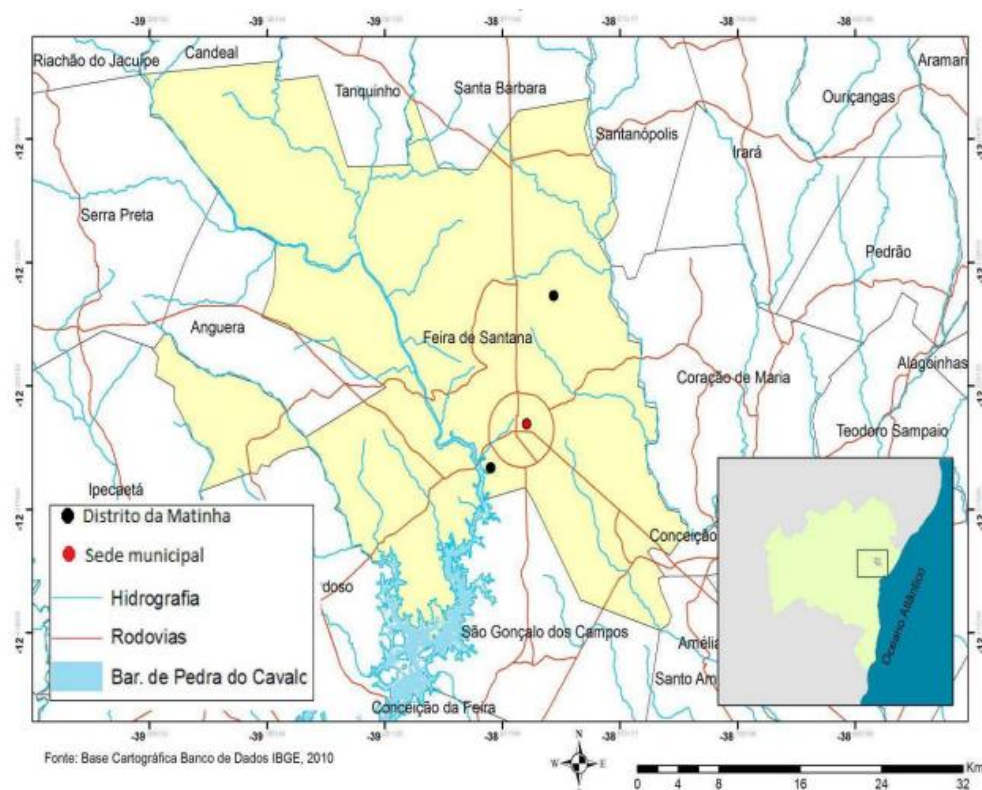
Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Dessa forma, pela construção sócio-histórica de Feira de Santana, podemos concluir que esta cidade se enquadra no conceito rurbano, visto que a zona urbana influencia a zona rural e vice-versa. Por isso, é importante rever a construção histórica da cidade, pois por aqui passaram, e ainda passam, pessoas de várias localidades, resultando em um intenso contato linguístico. Assim, poderemos ter uma visão mais ampla em relação à motivação externa que pode resultar no processo de variação e mudança linguística no português brasileiro, especialmente no município de Feira de Santana.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE DA MATINHA

O povoado da Matinha, também conhecido como Matinha dos Pretos, está localizado a leste da BR 116 Norte e a 14 km aproximadamente da sede do município de Feira de Santana, conforme visto na Figura 2:

Figura 2: Localização do Distrito de Matinha – Feira de Santana



Fonte: Base Cartográfica Banco de Dados IBGE, 2010. (Extraído de Souza, 2010, s/p).

A comunidade da Matinha pertence ao município de Feira de Santana e é considerada uma localidade rural por apresentar um modo de vida rural, como o plantio de alimentos para a subsistência e a criação de animais de pequeno porte. Entretanto, há alguns aspectos de zona urbana que podem ser vistos nesta localidade, como transporte público, energia elétrica, ruas asfaltadas e residências que se assemelham a residências urbanas. Segundo Souza (2010, s/p), “essas questões traduzem, grosso modo, o estreitamento das relações campo-cidade em que elementos, outrora considerados tipicamente urbanos, vão gradativamente sendo inseridos na área rural”.

Almeida (2005, p. 81) complementa essa ideia quando afirma que “os moradores mantêm um contato muito grande com a cidade, pois vendem a sua produção agrícola nas feiras do município”. Nesse contexto, percebe-se que a Matinha não é um povoado

isolado, mas “parece uma área agrícola dentro dessa imensa zona urbana” (ALMEIDA, 2005, p. 81).

Ainda de acordo com Almeida (2005), a origem do povoado da Matinha é incerta. Segundo ela, alguns relatos dizem que o povoado se originou de um antigo quilombo; já os moradores da localidade afirmam que ela foi fundada por duas moradoras que, com medo de uma peste que assolava a região, fizeram uma promessa de erguer uma capela caso não fossem atingidas pela peste. Então, como a peste não chegou até elas, elas cumpriram a promessa e o povoado da Matinha foi se formando ao redor da capela (ALMEIDA, 2005, p. 82).

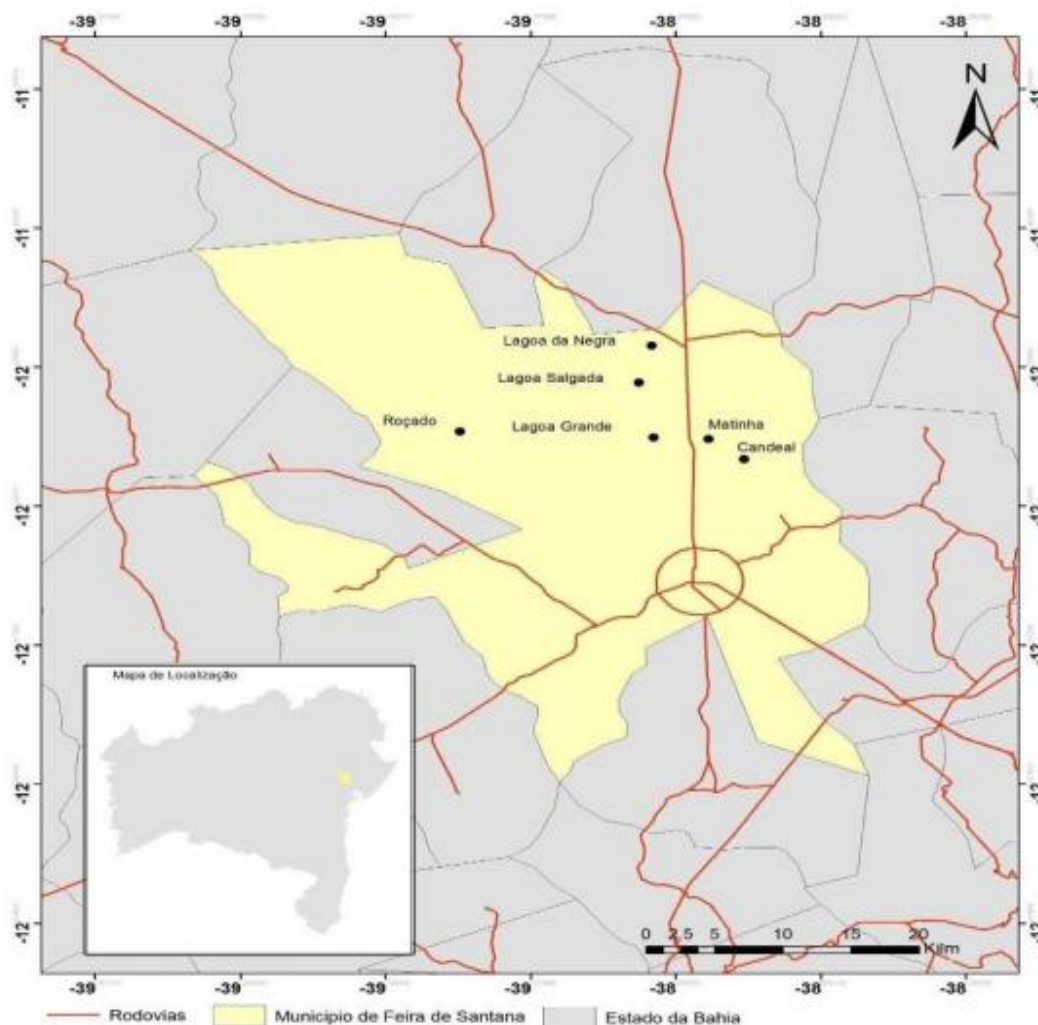
Essas informações se confirmam, pois conforme Souza (2010, s/p) o povoado foi formado a partir de um Quilombo no decorrer do século XIX e XX, como destaca:

Um olhar sobre a história de Feira de Santana permite compreender que o processo de escravização e seus desdobramentos possibilitaram a formação de um campesinato negro no decorrer do século XIX e XX, e culminou com a constituição das CNRQs⁸, contexto no qual, certamente, se insere o povoado de Matinha dos Pretos.

Além disso, Souza (2010, s/p) também argumenta que “Feira de Santana foi palco onde se desencadearam diversas formas de resistência por parte dos africanos/as diante dos mecanismos opressores da escravização”. Nesse contexto, uma das formas dessa resistência era a formação de Comunidades Negras Rurais, os Quilombos, visualizados na figura 3.

⁸ Comunidades Negras Rurais e Quilombolas

Figura 3: Comunidades Negras Rurais e Quilombolas de Feira de Santana



Fonte: Base de dados do Projeto de Pesquisa GeografAR, 2009. (Extraído de Souza, 2010, s/p).

Sobre a peste citada por Almeida (2005), Souza (2010, s/p) informa também que esse acontecimento marcou a história da Matinha. Ela afirma: “Na primeira metade do século XX, um acontecimento marcou a trajetória dos moradores da Matinha, a ocorrência de uma epidemia, a peste bubônica, conhecida pelos moradores como Peste do Jacu, Pés de Jacu, nome da localidade onde essa doença se disseminou”. E ainda complementa: “a peste do Jacu marcou a história dos moradores da Matinha, porque além de ter dizimado parcela significativa da população, demonstrou as dificuldades enfrentadas pela comunidade para lidar com essa situação”.

Percebe-se, portanto, que a formação sócio-histórica dessa localidade traz consigo uma memória de luta, resistência e vulnerabilidade em relação a necessidades básicas de saúde e saneamento.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, essa comunidade preservou alguns costumes que foram herdados dos que viveram na Matinha em tempos passados que é o samba de roda (SOUZA, 2010, s/p).

Souza (2010, s/p) revela que a Quixabeira, banda de samba de roda da Matinha, “é uma grande referência tanto em Feira de Santana como na Bahia como um todo, mostrando, nos vários cantos do estado, a força do samba de raiz, oriundo do Agreste Baiano” (SOUZA, 2010, s/p).

Enfim, retomando o conceito de *contínuo* de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004), pode-se dizer que em Feira de Santana a relação campo-cidade não está em polos opostos, ao contrário, “não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53). Dessa forma, a interação do rural-urbano pode revelar variedades linguísticas que se aproximam ou distanciam a depender do fenômeno estudado e do prestígio social dessa variante. É o que se pretende investigar nesta pesquisa com as CTs.

3.4 OS CORPORA

Os *corpora* utilizados para esta pesquisa são os do acervo do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano: Fases 2 e 3*, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob coordenação das professoras Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Dra. Silvana Araújo. Os *corpora* apresentam gravações do tipo diálogo entre documentador e informante (DID), com registros do português culto e popular e adotam o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968] e LABOV, 2008 [1972]).

Ressalta-se que, durante a produção dos *corpora* da fase 3 do projeto, participei na realização das entrevistas e transcrições dos inquéritos, além de iniciar a pesquisa, em 2011, das CTs em nível de Iniciação Científica (IC) na UEFS, sob orientação da Professora Doutora Norma Lucia Fernandes de Almeida.

Nesta pesquisa, inicialmente, delimitamos apenas o espaço urbano nas variedades culta e popular para a coleta e análise dos dados, porém, após a banca de qualificação, optamos por ampliar a análise e acrescentar o espaço rural, visto que tivemos a necessidade de verificar com mais precisão o uso das Construções de Tópico na variedade popular. Sendo assim, utilizamos dados do português rural e urbano neste trabalho.

Para o espaço rural, lançamos mão do volume III - Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu), organizado pela profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, publicado em 2008, da Coleção “Amostras da língua falada no semiárido baiano”. Além deste volume, também fazem parte da Coleção mais três CD’s publicados conjuntamente com o volume III, a saber: Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) v. I; Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina) v. II; e, Amostras da língua falada da zona rural de Jeremoabo (Nordeste) v. IV. A fase 1 inclui os volumes I e II, enquanto a fase 2, os volumes III e IV.

Em relação ao espaço urbano, valemo-nos das entrevistas da fase 3 do projeto: A língua portuguesa falada em Feira de Santana. Nesta fase, os informantes foram estratificados quanto ao sexo, faixa etária, escolaridade e relação com migração. As amostras foram assim distribuídas: feirenses filhos de migrantes (coordenado pela profa. Dra. Silvana Araújo), feirenses filhos de feirenses (coordenado pela profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida) e informantes feirenses cultos (coordenado pela profa. Dra. Eliana Pitombo Teixeira). Para esta investigação, utilizamos as amostras dos feirenses filhos de feirenses com baixa escolaridade e com nível superior. Por fim, destacamos que as entrevistas desta fase ainda não foram publicadas e foram-nos cedidas para fins exclusivos desta pesquisa.

Assim, serão considerados 36 informantes distribuídos da seguinte forma: 12 informantes do português popular falado na zona rural; 12 do português culto falado na zona urbana; e, 12 informantes do português popular falado também na zona urbana, totalizando 36 inquéritos. Além do espaço geográfico e escolaridade, os *corpora* são estratificados por sexo e faixa etária, sendo, portanto, 18 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, distribuídos em três faixas etárias: faixa I, faixa II e faixa III. Vale ressaltar que houve um ajuste na distribuição das idades por faixa etária dos inquéritos

do português rural para o urbano, como podemos observar no Quadro 1 da distribuição geral dos *corpora* por informante:

Quadro 1: Distribuição geral dos *corpora*

ZONA RURAL		FAIXA I (20 a 40 anos)	FAIXA II (40 a 60 anos)	FAIXA III (Acima de 60 anos)
POPULAR	HOMEM	INF1H_PR1	INF2H_PR2	INF3H_PR3
		INF4H_PR1	INF5H_PR2	INF6H_PR3
	MULHER	INF7M_PR1	INF8M_PR2	INF9M_PR3
		INF10M_PR1	INF11M_PR2	INF12M_PR3
ZONA URBANA		FAIXA I (25 a 35 anos)	FAIXA II (45 a 55 anos)	FAIXA III (Acima de 65 anos)
CULTO	HOMEM	INF1H_PC1	INF2H_PC2	INF3H_PC3
		INF4H_PC1	INF5H_PC2	INF6H_PC3
	MULHER	INF7M_PC1	INF8M_PC2	INF9M_PC3
		INF10M_PC1	INF11M_PC2	INF12M_PC3
POPULAR	HOMEM	INF1H_PP1	INF2H_PP2	INF3H_PP3
		INF4H_PP1	INF5H_PP2	INF6H_PP3
	MULHER	INF7M_PP1	INF8M_PP2	INF9M_PP3
		INF10M_PP1	INF11M_PP2	INF12M_PP3

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

3.5 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Como já foi discutido, o sistema linguístico passa por interferências internas e externas a ele. Assim, cabe ao sociolinguista estabelecer os condicionadores⁹ linguísticos e extralinguísticos que regem os contextos propícios para a realização do fenômeno linguístico observado.

⁹ O termo “condicionadores” empregado aqui não se aplica ao sentido de um fator linguístico ou social condicionar a escolha entre uma variante ou outra, visto que o fenômeno das CTs não apresenta uma regra variável para esse tipo de análise. Emprega-se, nesse caso, os termos “condicionamento e favorecimento” para se referir ao fator que está ligado ao uso de um determinado tipo de tópico em detrimento de outro.

Com base nessa discussão, a sociolinguística se propõe a refletir sobre a diversidade cultural e linguística e tenta mostrar a estrutura da língua dentro do contexto social da comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972], p. 216) em contraponto com a norma prescritiva, que reconhece apenas como “saber legítimo” o saber e a cultura das classes dominantes. Portanto, destacaremos, a seguir, as variáveis linguísticas¹⁰ e extralinguísticas¹¹ controladas neste estudo.

Entretanto, antes de explanar tais variáveis, ressalta-se que a análise dos dados das CTs não são variantes de uma mesma variável, pois de acordo com Pontes (1987, p. 94), as estruturas de sujeito-predicado e tópico-comentário não podem ser consideradas variantes, visto que veiculam significados diferentes e, nas construções em que há a presença de tópico marcado, tem-se uma carga semântico-pragmática que favorece a realização de tais construções (PONTES, 1987, p. 79), como podemos observar na sentença abaixo:

a. As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro (PONTES, 1987, p. 13, (12)).

Sobre essa sentença, Pontes (1987) observa que a relação que se estabelece entre o comentário e o tópico é puramente semântica:

A frase (12) por exemplo, não deve ser entendida como se o SN “as cadeiras optativas” tivesse sido deslocado para a esquerda a partir de algo como “Você precisa ter um conhecimento bom primeiro das cadeiras optativas”, mas sim como “As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro, antes de cursá-las”. No contexto em que foi dita, ficou evidente esse sentido (PONTES, 1987, p. 14).

Assim, a análise a qual realizaremos neste trabalho não segue o estilo de variação *stricto sensu* do modelo variacionista laboviano, em que existem diversas formas de se falar a mesma coisa dentro do mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade;

Portanto, para atender aos propósitos estabelecidos nesta pesquisa, utilizamos o Programa Estatístico GoldVarb X (2005) apenas para obtermos a percentagem e frequência dos dados dos *corpora* analisados.

¹⁰ Estamos considerando, nesta dissertação, como variável linguística os elementos gramaticais que estão relacionados ao uso das CTs. Portanto, não há previsão de buscar condicionamentos, pois esta pesquisa não é sociolinguística, apenas usa metodologia sociolinguística.

¹¹ Por variável extralinguística, consideramos os fatores sociais que podem ou não favorecer o uso das CTs.

3.5.1 Variáveis Linguísticas

Como já esclarecemos anteriormente, o fenômeno das CTs não segue o estilo de variação laboviana, com duas ou mais formas para se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. Por conta disso, não será viável controlar variáveis linguísticas binárias de um fenômeno sintático-discursivo, já que o tópico está presente ou no discurso ou na consciência do falante (PONTES, 1987, p. 79).

Dessa forma, utilizaremos a teoria variacionista para descrever os usos das topicalizações de acordo com os tipos de tópico encontrados na amostra selecionada. Para isso, estabelecemos, a partir de leituras e resultados de outros trabalhos sobre o tema, as seguintes variáveis linguísticas: Tipo de tópico, realização de sujeito, tipo de oração, dimensão do tópico e referencialidade.

Ressalta-se que tínhamos selecionado também como variável linguística o tipo de verbo e estrutura do tópico. Entretanto, após a rodada dos dados, percebeu-se que esses fatores não tiveram relevância para a análise por motivos claros: a forma verbal e a estrutura do tópico dependem restritamente do contexto discursivo para a sua ocorrência, por exemplo: quanto ao tipo de verbo, observou-se que tópico de Objeto Direto terá consequentemente um verbo transitivo direto; já em relação à estrutura do tópico, percebeu-se que seguirá a mesma lógica do fator tipo de verbo; por exemplo, um tópico de Objeto Indireto será estruturado por um Sintagma Preposicionado (SP). Por conta disso, optou-se por excluir essas variáveis da análise.

a) Tipo de tópico

Estamos considerando os tipos de tópico propostos por Brito, Duarte e Matos (2003), Galves (1998) e Araújo (2009).

A variável dependente¹² que estamos considerando nesta pesquisa é o tipo de tópico utilizado pelos informantes. A partir desta variável buscamos identificar quais outros fatores condicionam a presença de um determinado tipo em detrimento de outro. Assim, elencamos os seguintes tipos de tópico analisados nesta pesquisa:

¹² A variável dependente, nesse caso, tem a ver com o elemento gramatical que colocamos em evidência para a análise das CTs.

1) Tópico pendente - O tópico pendente é a construção em que não há ligação sintática entre o tópico e a oração; há apenas uma ligação semântica:

A canjica é só você ralar o milho... (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 192).

2) Tópico Pendente com Retomada - Nesse tipo de tópico há uma ligação sintática com algum elemento interno à oração:

Meu avô, eu lembro que ele tinha uma relação muito boa c'um minha vó (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 192).

3) Tópico Pendente com Retomada pronominal nominativo – é um subtipo do Tópico Pendente com Retomada, mas colocado separadamente dele porque a retomada ocorre somente na função de sujeito, com pronomes nominativos.

a língua *ela* não é aquele negócio fixo, preso (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 194).

4) Tópico Cópia – o sintagma nominal que aparece na posição de tópico é retomado por uma cópia no interior da oração:

Da receita eu não tenho nada com receita não, fio (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 193).

5) Tópico de Objeto Direto – tipo de construção em que o objeto direto é deslocado, mas, em sua posição interna na oração, fica uma variável, estabelecendo a cadeia correferencial entre o lugar e o tópico:

São João aqui não tem (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 192).

6) Topicalização Selvagem – construção em que o tópico resulta do apagamento da preposição seja como adjunto ou como argumento de um predicator:

Feira de Santana eu gosto (SILVA; ARAÚJO, 2016, p. 194).

7) Tópico sujeito – é a construção em que um sintagma, deslocado à esquerda, estabelece concordância com o verbo:

O meu carro furou o pneu (PONTES, 1987, p, 35(88)).

8) Tópico de Objeto Indireto – é a construção em que o objeto indireto é deslocado sem o apagamento da preposição, o que o difere da topicalização selvagem:

De cavalo eu não gosto não (INF4H_PR1).

Como variáveis independentes¹³, estabelecemos como hipótese inicial que a realização das construções de tópico está relacionada a quatro variáveis independentes: realização de sujeito, tipo de oração, dimensão do tópico e referencialidade.

b) Realização de sujeito

Como fatores a que se podem relacionar os tipos de tópicos, estabelecemos a realização de sujeito como fator relevante, pois imagina-se que enunciados com sujeito preenchido favoreçam a realização dos tópicos, pois as CTs em que não há o sujeito explícito pode acarretar ambiguidade no enunciado ou ser interpretado incorretamente pelo ouvinte. Assim sendo, o sujeito explícito eliminaria essas possibilidades.

Portanto, estamos considerando três fatores para a variável realização de sujeito:

- **Sujeito nulo** – Natal passei reunida com minha família (INF7M_PP1).
- **Sujeito preenchido** – porque o seguro ele não pagava (INF7M_PP1).
- **Oração sem sujeito** – São João aqui não tem (INF7M_PP1).

¹³ As variáveis independentes levantadas nesta pesquisa são os fatores que estão relacionados aos usos de cada tipo de tópico.

c) Tipo de oração

Para esse grupo linguístico, acredita-se que as CTs são mais frequentes em construções com oração simples, embora possam ocorrer também em orações encaixadas ou coordenadas. Portanto, segue-se os três fatores para essa variável:

- **Oração simples** – e a leitoa dá injeção (INF11M_PR2).
- **Oração Coordenada** – a gente, ele passa o caminho dele eu passo o meu (INF2H_PR2).
- **Oração Subordinada** – a cidade, eu não tenho vontade de sair daqui pra canto nenhum pra ir morar (INF8M_PP2).

d) Dimensão do tópico

Para essa variável estabelecemos a hipótese de que tópicos com SNs longos favorecem a ocorrência de um elemento correfencial no comentário que se segue ao tópico. Assim, definimos três fatores para essa variável:

- **Até 3 sílabas** – o feijão, a maioria do feijão perdeu (INF4H_PR1).
- **De 4 a 6 sílabas** – o habitante ele tem um amor muito grande a sua própria cidade (INF2H_PC2).
- **Mais de 6 sílabas** – o doce de goiaba você descasca ela, tira a, a... tira a semente (INF8M_PP2).

e) Referencialidade

A referencialidade é um traço semântico que interfere diretamente na sintaxe. Assim, a hipótese levantada para a variável referencialidade é a de que tópicos com traços [+humano] favorecem as CTs com um pronome correferente, enquanto que tópicos com traços [-humano] favoreceriam as CTs com um item lexical.

- + humano – Minha mãe ela vem aqui em casa (INF4H_PC1).
- - humano – Nos arraiás, os arraiá de Feira é bom! (INF4H_PP1).

3.5.2 Variáveis Extralinguísticas

Conforme Labov (2008, [1972] p. 21), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Igualmente, Bortoni-Ricardo (2005, p. 20) também concorda que “as diferenças na estrutura social, nas normas e valores culturais, que condicionam o comportamento linguístico, têm de ser devidamente consideradas”.

Com isso, partimos do pressuposto básico de que é impossível desvincular as variantes linguísticas de sua função social, visto que os estudos sociolinguísticos enfocam a língua dentro de seu contexto concreto na comunidade de fala. Assim, a partir dos grupos de fatores sociais, o linguista pode prever mudanças no sistema linguístico ou apontar processos de mudança em curso, através dos estudos da variação de determinado aspecto da língua, considerando a faixa etária dos falantes.

Dessa forma, os aspectos sociais considerados para a análise dos dados desta pesquisa foram a faixa etária, o sexo, escolaridade e o espaço geográfico. Vejamos detalhadamente as especificidades de cada variável.

a) Variável Faixa etária

A variável faixa etária revela-se indispensável no estudo dos fenômenos linguísticos variáveis já que é a partir dela que se concebe a variação de um fenômeno linguístico qualquer como estável ou em progresso. Esta variável pode ser denominada também como variação diageracional.

Lima-Hernandes (2005, p. 131) afirma que as expressões e as palavras denunciam uma época, que remete aos usos de um falante de determinada faixa etária. Assim, é possível observar através de uma pesquisa em tempo aparente, isto é, a observação da variação de um fenômeno entre as faixas etárias dentro de uma mesma sincronia, qual o progresso da mudança em análise.

Partindo desse pressuposto, analisaremos três faixas etárias nesta pesquisa: faixa I, faixa II e faixa III. A faixa I do *corpus* urbano compreende as idades entre 25 a 35 anos; já a do *corpus* rural é de 20 a 40 anos. A idade definida para a faixa II no *corpus* urbano é a de 45 a 55 anos, enquanto do *corpus* rural compreende os 40 a 60 anos. Finalmente, a faixa III da zona urbana é de acima de 65 anos e, da zona rural, acima de 60 anos. Essa mudança ocorreu dentro do projeto porque se percebeu que as faixas etárias sendo contínuas poderia haver sobreposição de informantes em mais de uma faixa.

O controle desta variável será importante para sabermos como as CTs se comportam em cada uma das faixas etárias e se há alguma tendência para mudança linguística, visto que partimos da hipótese de que os falantes mais jovens encabeçam o processo de mudança e os mais idosos tendem a conservar mais os padrões linguísticos.

b) Variável Sexo

Outro fator relevante para o estudo da variação linguística do ponto de vista social é a variável sexo do informante, pois “a análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a maior ou menor ocorrência de certas variantes estejam associados ao sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino” (PAIVA, 2007, p. 33).

Dessa forma, de acordo com Paiva (2007), o fator sexo pode influenciar nas realizações linguísticas dos falantes, sendo que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina ou, a depender do valor social da variante inovadora, as mulheres tendem a liderar os processos de mudança linguística (PAIVA, 2007).

Entretanto, estudos como os de Araújo (2006) revelam que essa variável não interfere nas CTs. Porém, decidimos controlar a variável sexo para confirmar ou refutar o que vem sendo pesquisado em outros *corpora*, já que a comunidade de fala investigada nesta pesquisa não tem um panorama do uso das CTs.

c) Variável escolaridade

Em relação às variedades do Português Brasileiro, Lucchesi, Baxter e Silva (2009) dizem que a **norma culta** seria constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-

hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império; modelos esses decalcados da língua da Metrópole portuguesa.

A **norma popular**, por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social.

Os estudos que fazem o controle da variável escolaridade confirmam a existência de formas linguísticas padronizadas pelos falantes mais escolarizados; além de se observar as variantes de prestígio entre os que têm mais tempo de estudo, mostram que as variantes estigmatizadas pela comunidade de fala encontram-se entre que têm pouco ou nenhum acesso à escola.

Segundo Votre (2007, p. 54), “o ensino prescritivo e descritivo interferem no domínio das formas de prestígio e no abandono parcial ou total das formas estigmatizadas”. E, de acordo com Labov (2008, [1972] p. 290) “se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística”.

Além disso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) diz que “o prestígio associado ao português padrão é sem dúvida um valor cultural arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação”.

Portanto, estamos considerando como variável escolaridade a norma culta e a norma popular, apesar de concordarmos com Faraco (2008) que precisamos rever ou pelo menos rediscutir essa terminologia. Nesse sentido, informantes da norma culta são os que possuem o ensino superior completo, isto é, possuem grau elevado de escolarização; e, informantes da norma popular são os que ou são analfabetos ou têm os primeiros anos do ensino primário e/ou fundamental, ou seja, os que possuem grau baixo de escolarização.

d) Variável Espaço geográfico

Essa variável foi acrescentada depois de uma primeira análise dos dados do português urbano. Então, a partir dessa análise preliminar, verificamos que os dados encontrados não tiveram uma quantidade esperada. Assim sendo, optamos por ampliar a amostra e incluir entrevistas do português rural falado em Feira de Santana.

Além disso, a escolha por se estudar comunidades da zona rural e da zona urbana de Feira de Santana também tem a ver com a formação sócio-histórica dessas localidades, as quais podem nos dar pistas sobre a mudança linguística no PB, especificamente, sobre as CTs, pois como afirma Araújo (2014, p. 220), “o ambiente rural reúne peculiaridades socioculturais que levam a que os seus padrões linguísticos e culturais sejam diversos dos urbanos”.

Lucchesi (2015, p. 153) apresenta uma escala do *continuum* rural-urbano e mostra que as comunidades rurais mais afastadas em um extremo utilizam a norma popular, enquanto os falantes dos grandes centros urbanos, no outro extremo, utilizam a norma culta. Abaixo reproduzimos a escala *rural > rurano > urbano* proposta por Lucchesi (2015):

rural	• Membros analfabetos ou semianalfabetos de comunidades rurais mais isoladas • Membros analfabetos ou semianalfabetos de comunidades rurais menos isoladas
rurano	• Habitantes de baixa ou pouca escolaridade das pequenas cidades do interior (distinguindo-se imigrantes do campo e nativos da cidade) • Habitantes de baixa ou pouca escolaridade emigrantes do campo para a periferia das grandes cidades
urbano	• Habitantes de baixa ou pouca escolaridade da periferia das grandes cidades • Habitantes de baixa ou pouca escolaridade dos bairros populares mais centrais e tradicionais das grandes cidades • Trabalhadores e operários qualificados das grandes cidades e centros industriais • Comerciantes e trabalhadores técnicos e administrativos das pequenas e médias cidades do interior do país • Comerciantes e trabalhadores técnicos e administrativos dos grandes centros urbanos • Altos funcionários do executivo e do judiciário, profissionais liberais e intelectuais das pequenas e médias cidades do interior do país • Altos funcionários do executivo e do judiciário, profissionais liberais e intelectuais dos grandes centros urbanos

Fonte: Extraído de Lucchesi (2015, p. 153)

A partir dessa escala de *rural* > *rurbano* > *urbano*, fica evidente que a comunidade da Matinha se enquadraria na área rural e rurbana por apresentar características que se aproximam destas classificações; e a sede do município seria essencialmente urbana.

Portanto, a hipótese de que pode existir diferenças na fala dos informantes da zona rural em relação aos da zona urbana faz surgir a necessidade de controlarmos também essa variável. Assim, acredita-se que um estudo sociolinguístico comparando dados dos espaços rural e urbano podem trazer uma visão mais clara sobre os fenômenos linguísticos.

4 O TÓPICO NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA

Esta seção é dedicada para a apresentação e análise dos resultados obtidos através do Programa GoldVarb X (2005). Com o processamento dos dados neste Programa, pudemos identificar as construções de tópico mais proeminentes nas variedades do português feirense, bem como apresentar a frequência do uso nas variedades culta e popular e, por fim, conhecer as especificidades do fenômeno em relação aos fatores linguísticos e sociais envolvidos.

A partir da análise dos inquéritos e após as rodadas no programa computacional GoldVarb para a contagem dos dados e análise estatística de cada variável, contabilizou-se 361 ocorrências de tópicos, distribuídas nos oito tipos encontrados nas amostras, a saber: Tópico cópia, tópico de Objeto Direto, Tópico pendente, Tópico pendente com retomada, Tópico pendente com retomada pronominal nominativo, topicalização selvagem, tópico sujeito e tópico de Objeto Indireto, como podemos visualizar a tabela abaixo:

Tabela 4: Distribuição geral das construções de tópico nos *corpora*

Construções de tópico	Total de ocorrências/%	
Tópico cópia	101	28%
Tópico OD	76	21%
Tópico pendente	48	13%
Tópico pendente com Retomada	43	12%
Tópico pendente com Retom. Pron. Nom.	39	11%
Topicalização selvagem	36	10%
Tópico sujeito	14	4%
Tópico OI	4	1%
TOTAL	361	100%

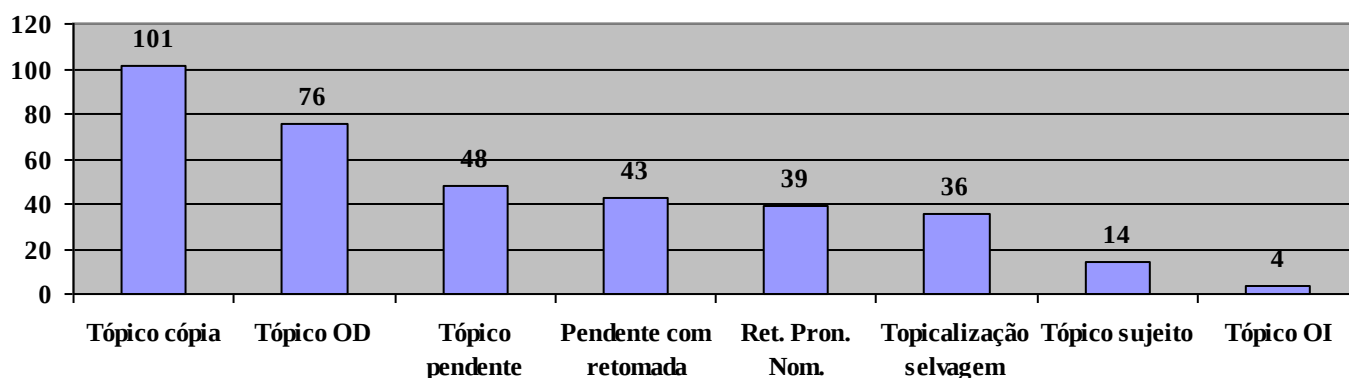
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

4. 1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

4.1.1 Tipos de tópico

Em relação ao tipo de tópico, apresentamos no Gráfico 1 a distribuição dos tipos de tópico encontrados nos *corpora* para uma melhor visualização:

Gráfico 1: Distribuição dos tipos de tópico nos *corpora*



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

a) Tópico cópia

Observando-se o Gráfico 1, verifica-se que o tópico cópia é o mais utilizado que os demais tipos elencados. No total, foram 101 dados somente de tópico cópia, o equivalente a 28% de frequência em relação aos outros tipos, sendo, portanto, o tipo mais produtivo nas amostras analisadas.

Esta alta ocorrência de tópico cópia pode ser devido ao fato de o falante deixar claro o referente a que ele está destacando com o elemento posto à esquerda e repetindo-o em seguida (PONTES, 1987, p. 26), como podemos observar nos exemplos (41), (42) e (43), abaixo:

(41) Eu, eu sei cozinhar legal – INF4H_PC1

(42) eu, por incrível que pareça, eu freqüento mais evangélica – INF7M_PP1

(43) A gente mehmo que a gente dá valor pro que a gente faz – INF7M_PR1

Verificou-se que nas ocorrências de tópico cópia houve muitos casos de pronome sujeito topicalizados. Sobre essa grande quantidade de pronome sujeito, Pontes (1987, p. 27) advoga que “o enfraquecimento do papel da flexão verbal para a identificação do referente aumenta a importância do pronome pessoal, que se torna o único meio para o falante deixar claro o sujeito a que ele se refere”.

Além disso, Pontes (1987, p. 26) mostra que quando um tópico é idêntico ao sujeito da sentença comentário, como é caso dos exemplos (41), (42) e (43), a ocorrência do pronome cópia é bem maior do que nos casos em que o tópico é correferente a outros elementos da sentença comentário, como nos exemplos (44), (45) e (46):

(44) falelo, tem que comprar falelo toda semana pra dar. – INF2H_PR2

(45) Novela eu não gosto de novela não. – INF8M_PP2

(46) saúde, eu tava tendo muito problema de saúde. – INF10M_PC1

Outra discussão para os tópicos cópia é em relação à retomada do elemento topicalizado ou da fala do ouvinte, (47), ou da sua própria fala, referindo-se ao assunto do contexto, (48).

(47)

DOC: Hum, hum. E você acha que os baianos falam bem?

INF: [risos] os baianos, os baianos são os baianos, são únicos [...] – INF11M_PC2

(48)

DOC: Hum hum. E você gosta de festa?

INF: Festa... É... Em família mais ainda. Essas festas assim... Festa em família: formatura. Acabei de ir em uma sexta-feira. Uma formatura muito interessante dos meus dois sobrinhos, né, emocionante, sempre, sempre, sempre é um prazer enorme participar de formaturas, principalmente quando é da nossa família. Hummm outra coisa mais... Uma seresta, se tiver pessoas interessantes. Também é muito bom. Teatro, teatro é maravilhoso. É uma pena que os {professores}¹⁴ não tenha essa disponibilidade de

¹⁴ Conforme as normas de transcrição, as chaves ({}) são usadas para representar transcrição duvidosa.

dinheiro sempre pra poder ta costeando, né, participar de peça, essas coisas.
INF11M_PC2

O exemplo (47) é típico do discurso, pois mostra que na interação falante/ouvinte a fala do ouvinte serve como gatilho para a do falante, evidenciando a repetição da mesma forma linguística proferida pelo ouvinte, conhecida como efeito gatilho.

Já no exemplo (48), percebe-se que o assunto tratado no contexto do discurso era sobre festa, o que fica claro nos exemplos elencados pela informante, como formatura e seresta. Então, dentro do mesmo campo semântico de festa, a informante traz um elemento topicalizado para reforçar que esse tipo de “festa”, teatro, é o de sua preferência. Neste caso, temos um elemento retomado do discurso do próprio falante.

Outro exemplo de elementos topicalizados de acordo com a fala do próprio informante é em (49):

(49) Hospital, praça, praça ele faz muita não é, tem muita praça. É praça que esse homem fez minha filha! É praça que eu nunca vi . – INF7M_PP1

Nos exemplos (48) e (49), percebe-se que os tópicos cópia estão mais voltados para o discurso do que para sentença, visto que a informação que eles evocam tem a ver com uma listagem ou enumeração de itens produzidos no discurso e, o item que lhe chama a atenção precisa ficar claro no discurso, então, destaca-se esse elemento com a estratégia de topicalização que, neste caso, é o tópico cópia.

b) Tópico de Objeto Direto

O segundo tipo de tópico mais proeminente foi o tópico de Objeto Direto. Nesse tipo temos um objeto direto que foi deslocado de sua posição canônica, à direita do verbo, para à esquerda da sentença, como nos exemplos (50), (51) e (52):

(50) porque o seguro ele não pagava – INF7M_PR1

(51) Os bagaço você não joga fora – INF10M_PP1

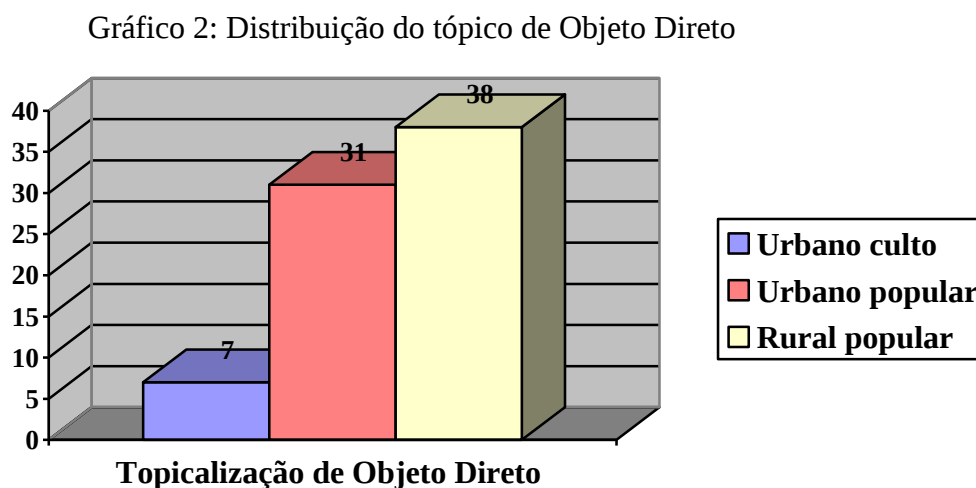
(52) Charpes eu tenho vários – INF12M_PC3

Conforme é visto na literatura linguística, costuma-se atribuir ao objeto direto o *status* de informação nova. No entanto, o que se observa no tópico de Objeto Direto é que, como ele é deslocado para a posição de tópico, o objeto direto da S passa a ser informação velha ou pressuposta e não mais a informação nova. Dessa forma, é possível que o falante desloque o objeto direto de sua posição tradicional para evidenciar a informação partilhada com o ouvinte. Além disso, Pontes (1986, p. 29) diz que o objeto direto pode ocorrer antes do verbo quando é topicalizado:

(53) Fantástico eu não assisto por que já é tarde – INF8M_PP2

Na amostra analisada, tivemos a seguinte distribuição de tópico de Objeto Direto: 7 ocorrências na fala urbana culta, 31 na fala urbana popular, e 38 ocorrências na fala rural popular.

Apesar de o Tópico de Objeto Direto ser o segundo tipo mais realizado nas amostras, percebe-se, pela análise dos dados, que é um tópico típico da fala popular, seja urbana ou rural, como se observa no Gráfico 2:



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

De acordo com a distribuição apresentada no Gráfico 2, percebe-se que o tópico de Objeto Direto é mais utilizado na fala popular, enquanto é pouco usado na fala culta. Uma explicação possível que levantamos para justificar a pouca ocorrência na fala culta

seria o fato de construções com objetos diretos deslocados à esquerda sem retomada clítica serem tratadas pela gramática normativa como um desvio do padrão.

Contudo, a perda do clítico acusativo de terceira pessoa é um fenômeno quase em extinção na língua oral, sendo a ocorrência do objeto nulo ou pronome tônico na posição de objeto a estratégia mais frequente (NUNES, 1996, p. 220). Assim, falantes da língua de prestígio receberiam a influência do ensino escolar em sua fala, o que contribuiria para que falantes cultos fossem mais resistentes a construções de tópico de Objeto Direto.

c) Tópico pendente

Esse tipo de tópico estabelece relação semântica entre o tópico marcado e a sentença-comentário; não há, portanto, relação sintática com um elemento interno à sentença-comentário, exemplificados em (54), (55) e (56).

(54) A plantação a gente capina a terra – INF10M_PR1

(55) As rua ele terminou o pedaço que tava mal feito – INF8M_PP2

(56) Perfumes... é... tem uma casa lá só de cosméticos de uma rede [Inint]¹⁵, perfumes e maquiagens que você enlouquece! – INF12M_PC3

Ressalta-se que esse tipo de tópico é apresentado nas Gramáticas normativas como figura de linguagem, o anacoluto, e, segundo Bechara (2009, p. 565), deve ser “evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua”.

Bechara (2009) também afirma que anacoluto é a quebra da estruturação lógica da oração, e para confirmar sua ideia cita Said Ali:

Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção. (SAID ALI, 1930, p. 38 apud BECHARA, 2009, p. 595)

¹⁵ Conforme as normas de transcrição, o termo [Inint] é utilizado para texto ininteligível.

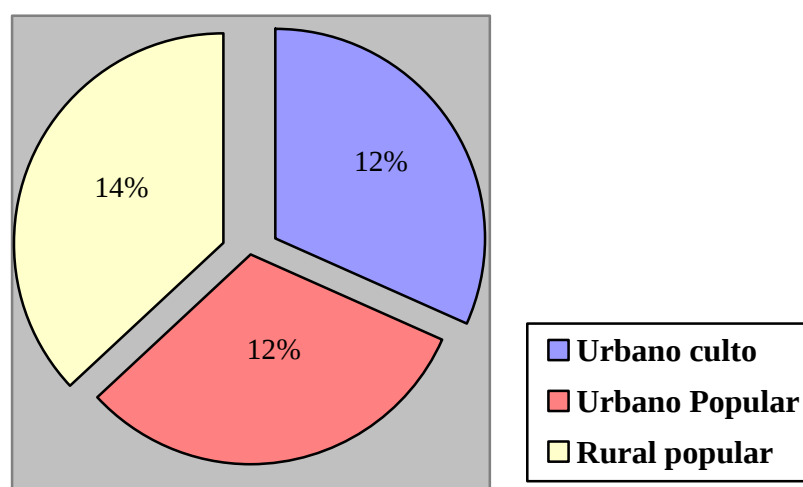
Para exemplificar essa construção “anômala”, ele apresenta a seguinte sentença:

(57) Eu parece-me que tudo vai bem (BECHARA, 2009, p. 595)

Em que pese à recusa dos gramáticos para o uso das construções de tópico, concordamos com Kato e Nascimento (2015, p. 15) quando afirmam que “o PB falado apresenta, conforme pesquisas diacrônicas, inovações em sua gramática ainda não absorvidas ou percebidas pelas gramáticas normativas, o que faz prever a ocorrência de formas competitivas na fala de um indivíduo culto”; é o que percebemos no emprego das construções de tópico pendente e nos demais tipos elencados nesta pesquisa.

Em relação à distribuição do tópico pendente na amostra, obtivemos um total de 48 dados; sendo 9 dados da fala culta, 13, da fala urbana popular e, 26 dados da fala rural popular. Em termos percentuais, o resultado obtido na análise dos *corpora* revelou que não há diferenças significativas quanto ao uso dessa estratégia de topicalização, como ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição do tópico pendente em percentuais



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Não obstante a não aceitação dessas construções pela Gramática Normativa, fica evidente que nesse tipo de tópico provavelmente não há estigma quanto ao uso de tais estruturas, já que os percentuais de ocorrência foram muito semelhantes entre as variedades estudadas: 12% para a fala culta, 12% para a fala urbana popular e, finalmente, 14% para a fala rural popular.

Portanto, podemos concluir que nem sempre a força da Gramática Normativa controla os usos dos falantes, sobretudo dos falantes cultos. Contudo, sabe-se que não podemos fazer tal afirmação com máxima precisão, pois não obtivemos dados robustos para uma análise mais minuciosa do fenômeno.

d) Tópico pendente com Retomada

O tópico pendente com retomada é mostrado nos exemplos (58), (59) e (60):

(58) Os políticos quem coloca eles lá é o povo – INF4H_PC1

(59) O doce de goiaba você descasca ela, tira, a, a... tira a semente – INF8M_PP2

(60) Antônio Fagunde eu gostava dele mais Luana – INF12M_PR3

Pelos exemplos em (58), (59) e (60) percebe-se que o elemento na posição de tópico tem seu correferente na sentença-comentário. Ou seja, há uma relação semântica entre o tópico e o elemento retomado internamente na sentença. Os elementos correferentes ao tópico pendente que apareceram nos *corpora* foram: SN anafórico, pronome tônico ou clítico e categoria vazia, como ilustram os exemplos (61), (62), (63) e (64), respectivamente.

(61) Licor, gosto de tomar um licorzinho uma vez ou outra – INF7M_PP1

(62) O abacaxi fai ele cozido tamém – INF9M_PR3

(63) Netos, eu não os tenho – INF11M_PC2

(64) Neto tenho dezoito Ø – INF11M_PR2

O exemplo (63) merece atenção especial, pois não esperaríamos encontrar tópicos com correferente clítico e foi o único dado encontrado em todos os *corpora* com a retomada com clítico.

De acordo com Decat (1989), há um decréscimo constante da ocorrência de clíticos correferentes, até seu quase total desaparecimento, razão de não encontrarmos outros dados com retomada de tópico por clíticos. Além disso, Decat (1989, p. 123)

também mostra que “a tendência da língua é perder o sistema de clíticos, suprimindo-os e substituindo-os pelos pronomes tônicos”. Assim, pode-se afirmar que o processo de mudança no paradigma pronominal favoreceu à variação de *ele(ela)* como pronome acusativo (65) ou nominativo (66):

(65) O botãozinho que tá pra baixo, você levanta ele – INF 1H_PC1

(66) Minha mãe ela vem aqui em casa – INF 4H_PC1

A ocorrência em (63) foi encontrada na entrevista de uma informante da fala culta e da faixa 2. Então, de fato, é possível encontrar os clíticos em algum momento na fala dos informantes cultos, visto que os clíticos são adquiridos tardiamente no processo de escolarização. Além disso, a situação da entrevista, como o próprio Labov (2008 [1972], p. 244) alerta sobre o paradoxo do observador, tem um caráter mais monitorado do que a fala casual e espontânea. Portanto, este dado pode ser um indício de que as CTs estão se espalhando para os discursos formais e mais monitorados.

Além disso, levantamos outras duas hipóteses para a análise desse dado. A primeira hipótese seria um caso de hipercorreção, já que teríamos o objeto direto deslocado à esquerda na posição de tópico, mas para satisfazer os preceitos da Gramática Normativa, faz-se uso do clítico para retomar o elemento topicalizado.

A outra hipótese seria um tópico contrastivo, pois no contexto discursivo a informante contrasta a não existência de netos com a existência de filhos, vejamos o contexto da entrevista:

DOC: E... a relação com filhos, netos, sobrinhos... Como é?

INF: Netos, eu não os tenho. Agora filhos, eu tenho uma filha que mora em Curitiba, ela fez faculdade, começou trabalhar e foi transferida pra Curitiba. Uma pessoa maravilhosa. Tenho um filho que está comigo, faz administração, é um pouco mais teimoso. A menina era mais dócil, mais obediente, mas as pessoas são diferentes e a gente tem que respeitar né, a particularidade de cada um. E eu vivo dentro desse parâmetro pra as coisas continuarem. - INF11M_PC2

Por fim, a distribuição do tópico pendente com retomada na amostra foi a seguinte: 7 dados do português culto, 6, do urbano popular e 30 dados do português

rural popular. Em termos percentuais temos: 9% para o português culto, 5% do urbano popular e 16% do rural popular. Percebe-se que a estratégia de topicalização com tópico pendente com retomada é mais frequente na fala rural do que na fala urbana.

Verifica-se, portanto, que o tópico pendente com retomada sofre restrições de uso na fala urbana ou pela influência da escolarização ou decorrente do tipo mais proeminente na fala culta: o Tópico pendente com retomada pronominal nominativo.

e) Tópico pendente com retomada pronominal nominativo

O Tópico pendente com retomada pronominal nominativo é definido pela presença de um SN na posição de tópico e retomado na sentença-comentário por um pronome na função de sujeito, como em (67), (68) e (69).

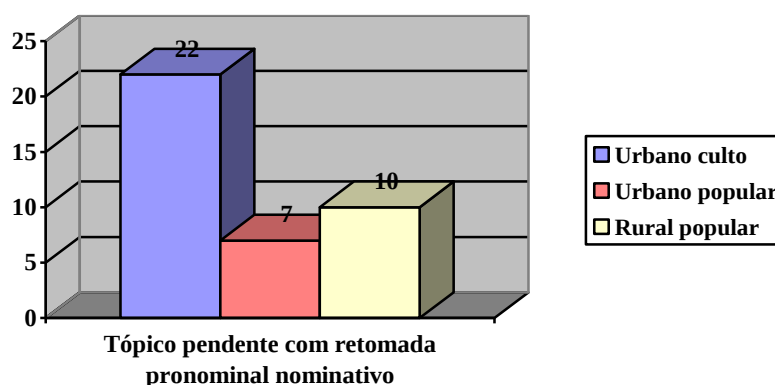
(67) O habitante ele tem um amor muito grande a sua própria cidade – INF2H_PC2

(68) Os caminhoneiros eles sempre dão uma força ao trabalhador quando precisa uma carona – INF2H_PP2

(69) Meu pai tombem ele tava no acidente tombem – INF7M_PR1

Ressalta-se que esse tipo de tópico pode ser um subtipo do tópico pendente com retomada, mas classificamos separadamente para que se faça uma análise mais detalhada dos contextos linguísticos e sociais em que ele ocorre. Assim, vejamos no Gráfico 4 a distribuição do tópico pendente com retomada pronominal nominativo nos *corpora*.

Gráfico 4: Distribuição de tópico pendente com retomada pronominal nominativo



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A partir da análise do Gráfico 4, percebe-se que as construções de tópico pendente com retomada pronominal nominativo tem maior ocorrência no português urbano culto, chegando a mais da metade de ocorrências em relação aos falantes da norma popular, seja rural ou urbana. Em termos percentuais, obtivemos a seguinte distribuição: o português urbano culto ficou com 29% de frequência, o equivalente a 22 dados no geral, a segunda maior quantidade de dados em relação aos outros tipos, ficando atrás apenas para o tópico cópia; o português urbano popular obteve 6%, isto é, 7 ocorrências; e, o português rural popular, 5%, correspondente a 10 ocorrências.

Tal fato fora atestado por Araújo (2013, p. 88) em relação à realização dos tópicos pendentes com retomada pronominal nominativo nas zonas urbana e rural. Ela afirma: “construções de tópico com retomada pronominal na posição de sujeito são mais frequentes na zona urbana do que na zona rural, nas comunidades analisadas”. As comunidades citadas por Araújo (2013) são analisadas pelos integrantes do projeto “O Tópico em Questão no Português Brasileiro”.

O tópico pendente com retomada pronominal nominativo tratado aqui é discutido por Duarte (1995) como duplo sujeito. Em sua tese de doutoramento, Duarte (1995) conclui que as construções com DE de sujeito são exclusivas de línguas *não-pro-drop*. Assim, Duarte (1995, p. 102) argumenta que “o aparecimento da construção com duplo sujeito e sua implementação no sistema não é uma mudança acidental; pelo contrário, é consequência da mudança na representação do sujeito pronominal”.

Além disso, Duarte (1996, p. 123), mostra que a crescente simplificação do paradigma flexional “alterou as características de língua *“pro-drop”* que o português do Brasil apresentava antes de 1937”. Paralelamente ao preenchimento de sujeito, verifica-se também uma tendência ao desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa, abrindo espaço para o objeto nulo, como mostra o trabalho de Cyrino (1996).

Com isso, percebe-se que as construções de tópico do português brasileiro falado são reflexos de uma reorganização sintática que se distancia nitidamente das outras línguas românicas e, em particular, do PE, como sinalizou Tarallo (1996, p.51): “Enquanto o PB favorece o preenchimento da posição de sujeito em detrimento da posição de objeto, o PE favorece a retenção dos clíticos (objetos diretos preenchidos) à expensa dos sujeitos”. Ainda de acordo com Tarallo (1996), uma pergunta como “Paulo viu Maria ontem?” seria respondida diferentemente por falantes dos dois dialetos:

PB: Sim, ele viu Ø. (Sujeito preenchido/objeto vazio) (TARALLO, 1996, p. 51).

PE: Sim, Ø a viu. (Sujeito vazio/ objeto preenchido) (TARALLO, 1996, p. 51).

Observa-se, então, um verdadeiro distanciamento nas estruturas linguísticas de marcação de sujeito e objeto do PB em relação ao PE. Além desta diferença, Tarallo (1996, p. 52) também destaca que “o PB, diferentemente do PE, é fortemente marcado pelo uso de pronome resumptivo em cláusulas principais”, como em (70) e (71):

(70) PB: Os linguistas eles são chatos (TARALLO, 1996, p. 52).

(71) PE: Os linguistas Ø são chatos (TARALLO, 1996, p. 52).

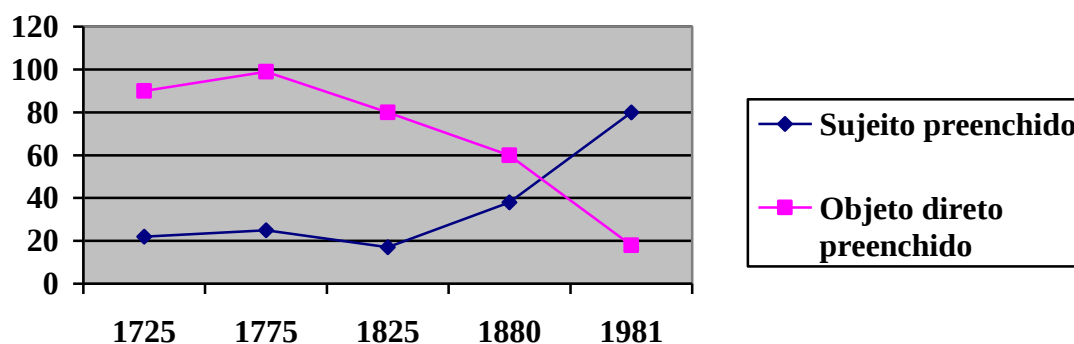
Pode-se perceber claramente as mudanças arroladas por Duarte (1995, 1996), Cyrino (1996), e Tarallo (1996) na Tabela 5 e no Gráfico 5, em que há um crescimento progressivo de sujeitos preenchidos de 1725 até 1981; enquanto que com o objeto direto acontece o inverso, há um declínio progressivo dessas estruturas concomitantes ao preenchimento do sujeito.

Tabela 5: Evolução da retenção pronominal em posição sujeito e objeto em cinco períodos de tempo

Tempo	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Fonte: Extraído de Galves (1996, p. 388).

Gráfico 5: Frequência de preenchimento pronominal



Fonte: Extraído de Coelho et al (2015, p. 89)

De fato, uma mudança no sistema interno da língua pode acarretar outras mudanças na Gramática¹⁶ do falante. Dessa forma, as mudanças relacionadas ao preenchimento do sujeito e apagamento do objeto impactaram diretamente na estruturação gramatical do PB, surgindo, assim, as CTs.

Resta-nos, agora, saber a razão de se ter uma diferença de uso nas variedades culta e popular, observada no Gráfico 4. A hipótese que levantamos é a de que o encaixamento linguístico em relação ao sujeito preenchido ficou mais evidente na fala culta, motivo de o tópico pendente com retomada pronominal nominativo ser mais produtivo nessa variedade; enquanto que o encaixamento em relação ao apagamento do objeto direto mostrou-se favorável na fala popular, razão de se ter uma grande quantidade de ocorrências na fala popular, tanto urbana quanto rural.

Portanto, evidencia-se que as mudanças linguísticas ocorridas no Brasil, principalmente as que se iniciaram no século XIX, em relação ao preenchimento pronominal tomaram rumos distintos nas variedades do PB. Tal fato necessita de uma investigação mais apurada para saber se realmente o que se propõe aqui como justificativa para as ocorrências de CTs com retomada pronominal na posição de sujeito e para as CTs de objeto direto se confirma.

f) Topicalização selvagem

A Topicalização Selvagem caracteriza-se por apresentar um constituinte preposicionado deslocado à esquerda desacompanhado da preposição, deixando uma categoria vazia dentro da sentença-comentário. O elemento na posição de tópico que aparece sem a preposição não teria essa perda da preposição se estivesse em sua posição de origem na sentença, tornando a sentença agramatical caso aparecesse, como se observa nos exemplos em (72a) e (72b):

(72) a. Novela eu não gosto muito não – INF3H_PP3

(72) b. * Eu não gosto novela muito não

¹⁶ Estamos empregando o termo Gramática aqui como um conjunto de regras estruturadas na mente do falante independentemente do seu conhecimento da Gramática Normativa.

De acordo com a análise dos dados da amostra, observou-se que pode haver Topicalização Selvagem com as seguintes funções sintáticas regidas por preposição: objeto indireto, em (73), adjunto adverbial, em (74), e complemento nominal, em (75):

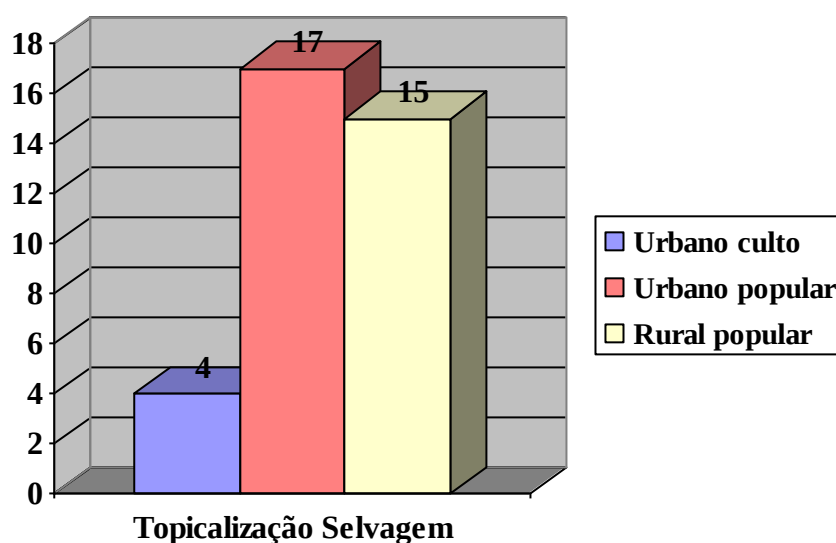
(73) essas bandas eu não gosto não – INF7M_PP1

(74) Essa casa só tinha mato – INF1H_PC1

(75) pagode eu não sou muito fã – INF1H_PR1

Sobre a distribuição dos dados na amostra, verificou-se que, assim como nas CTs de Objeto Direto em que pode ser considerado um tópico típico da fala popular, a Topicalização Selvagem é também um tipo próprio dessa variedade, como se pode ver no Gráfico 6:

Gráfico 6: Distribuição de Topicalização Selvagem nos *corpora*



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Como discutimos anteriormente sobre o encaixamento no sistema linguístico decorrente das mudanças ocorridas no PB em relação ao preenchimento pronominal, retomamos mais uma vez essa hipótese, pois, assim como nas CTs de Objeto Direto, a Topicalização Selvagem também possui uma posição vazia no interior da sentença-comentário. Portanto, trata-se de ambientes linguísticos semelhantes, diferenciando-se somente quanto à função sintática do elemento topicalizado.

g) Tópico Sujeito

As construções de Tópico Sujeito foram inicialmente apontadas por Pontes (1986; 1987) e revelaram que a noção de tópico e sujeito se confunde justamente porque em construções como em (76a) tem-se sempre “o sujeito (ou o que seria sujeito na ordem direta) posposto. Como o tópico está na posição inicial da oração ele se confunde com um sujeito e a ordem da frase dá a aparência perfeita de uma ordem SVO” (PONTES, 1987, P. 35).

(76) a. O meu carro furou o pneu (PONTES, 1987, p. 35).

Dessa forma, o que ocorre atualmente no PB é a tendência para uma reanálise do tópico como sujeito da sentença, haja vista que a concordância do verbo com o sujeito posposto resulta em uma sentença agramatical, observada em (76b):

(76) b. *O meu carro furaram os pneus

Nesse caso, percebe-se que o que estabelece a concordância verbal na oração é o tópico e não o sujeito. Fato importante para a discussão de o PB ser uma língua orientada para o tópico e sujeito, visto que está havendo uma reanálise do tópico discursivo para a função de sujeito, elemento estritamente sintático.

Segundo Araújo (2009a), construção com tópico sujeito caracteriza-se por:

- (i) apresentar um sintagma preposicional, locativo ou adjunto, deslocado sem a preposição, comportando-se como o sujeito da frase porque estabelece concordância com o verbo; (ii) não haver um pronome lembrete retomando o sintagma nominal anteposto; e (iii) não existir concordância verbal entre o verbo e o seu argumento externo, que se realiza em posição pós-verbal (ARAÚJO, 2009a, p. 238).

Quanto às ocorrências encontradas nos *corpora* podemos destacar uma baixa frequência desse tipo de tópico. Analisando-se o percentual geral de dados para esse tipo de tópico, obtivemos em toda a amostra apenas 4% do total de dados para o Tópico Sujeito, tendo maior casos, 9 ocorrências, no português rural popular; enquanto que no português urbano culto encontrou-se apenas 1 (uma) ocorrência, e, no português urbano popular, 4. Seguem alguns exemplos encontrados nos *corpora*:

(77) O exterior foi os Estados Unidos – INF2H_PC2

(78) São José é difícil fazer festa – INF4H_PP1

(79) A rua calçou – INF5H_PR2

Analisando-se os exemplos de (77) a (79) percebemos que, como já foi argumentado por Pontes (1987), a concordância do tópico com o verbo aponta para o problema de distinguir-se o tópico do sujeito.

Dessa forma, a construção em (77) fora do contexto discursivo parece estranha ou talvez ambígua, mas observando-se o contexto da fala do informante percebemos que essa construção, de fato, é um caso de tópico sujeito, pois evidencia um adjunto sem a preposição na posição de sujeito da oração. Vejamos o contexto na entrevista:

Doc: Hum-hum. É... o senhor já fez viagens, assim? Tem experiências de viagens?

Inf: Começar pela Bahia, Bahia toda, quase toda, que eu trabalhei muitos anos na URBES.

Doc: Hum.

Inf: De setenta e sete até dois mi... mil e novecentos e noventa e nove, aliás não, janeiro de dois mil. E aí, né? Tive oportunidade lá, como o dinheiro serviu...

Doc: Hum-hum.

Inf: Nas obras da URBIS, conhecer quase que a Bahia toda. De norte sul, leste oeste da Bahia. Brasil, nordeste todo, do Maranhão ao Rio Grande do Sul. O Brasil todo. **O exterior foi os Estados Unidos.**

Já no exemplo (78), temos um sintagma locativo deslocado para a posição de tópico no qual se confunde com o sujeito. Portanto, vê-se claramente que se trata de uma sentença de tópico-comentário.

Por fim, o exemplo (79) revela que um sujeito não animado relaciona-se com um verbo de ação, o qual exigiria um SN [+humano]. Logo, temos nesse caso uma sentença tópico-comentário e não sujeito-predicado.

Em suma, Pontes (1987, p. 38) apresenta uma sentença semelhante ao mostrado em (79), reproduzido no exemplo (80) :

(80) A porta fechou (PONTES, 1987, p, 38 (112)).

Ela argumenta que uma frase como (80) pareceria estranha se pensarmos em termos exclusivamente de sujeito-predicado, mas não causaria estranheza se for analisada como tópico-comentário.

h) Tópico Objeto Indireto

O último tipo de tópico analisado foi acrescentado durante a análise dos dados, visto que não havia ainda uma classificação para esse tipo. Conforme já indicamos, o Tópico de Objeto Indireto ocorre quando o objeto indireto é deslocado para a esquerda da sentença sem o apagamento da preposição, o que o difere da topicalização selvagem.

Em todos os *corpora* analisados encontramos apenas 4 ocorrências desse tipo de tópico. Dos quatro dados, três foram do português rural popular e 1(um) do português urbano popular e, no culto não houve nenhum dado. Tal fato pode indicar que esse tipo de tópico ou é uma construção recente passando por um processo de inovação na língua ou é uma característica específica do português popular de Feira de Santana, visto que não houve ocorrência de Tópico de Objeto Indireto na fala culta. Assim, pode-se inferir que as CTs de Objeto Indireto são formas raras no PB.

De qualquer modo, é necessário que tenhamos cautela na análise desse tipo de tópico, pois os dados encontrados são insuficientes para um melhor tratamento desse tipo de construção.

Entretanto, o que se pode afirmar no momento é que o Tópico de Objeto Indireto segue a mesma lógica do Tópico de Objeto Direto, pois há um deslocamento de um termo sintático da oração para a posição de tópico, que nesse caso é um SP (Sintagma Preposicionado).

Por fim, apresentamos os dados encontrados na amostra em (81), (82), (83) e (84):

(81) De todos eu gosto um pouquinho, um pouquinho de cada – INF7M_PP1

(82) De cavalo eu não gosto não – INF4H_PR1

(83) De cavalo eu ando de vez em quando – INF4H_PR1

(84) ne Salvador mesmo não conta as veze que a gente foi – INF7M_PR1

4.1.2 Realização de sujeito

A variável realização de sujeito foi escolhida para esta discussão, pois se pretendeu investigar a relação da presença ou ausência do sujeito nas CTs. Assim, nossa hipótese inicial foi a de que CTs favoreceriam mais realizações com sujeito explícito do que as de sujeito nulo ou inexistente.

Conforme Almeida (2005, p. 9) “Há línguas humanas que possuem um sistema morfofonológico de marcação de pessoa, gênero e número bastante reduzido, enquanto que outras apresentam este sistema muito rico”, assim, as línguas de morfologia rica seriam orientadas para o parâmetro de marcação de sujeito nulo.

Além disso, Duarte (1995, 1996), Cyrino (1996), Tarallo (1996), Almeida (2005), dentre outros pesquisadores têm comprovado que o PB está perdendo ou mudando as suas características de língua *pro-drop*, isto é, língua de sujeito nulo, e passando, aos poucos, para a marcação de língua *não-pro-drop*, sujeito preenchido ou para um língua de sujeito nulo parcial, com afirmam Duarte e Butthers (2012).

Essa mudança de parâmetro no PB tem revelado efeitos consideráveis de encaixamento no sistema linguístico, como os que estamos defendendo nesta pesquisa relacionados às CTs. Para tanto, examinou-se três fatores para a variável realização de sujeito, a saber:

a) Sujeito nulo – Quando o sujeito não está expresso na oração, mas é possível recuperá-lo pela marcação de pessoa, gênero e número, como nos exemplos (85), (86) e (87).

(85) Natal Ø passei reunida com minha família – INF7M_PP1

(86) O laboratório Ø tenho pouco tempo – INF2H_PC2

(87) Novela Ø não gosto não – INF4H_PR1

b) Sujeito preenchido – Quando o sujeito aparece explícito na sentença, exemplificado em (88), (89) e (90).

(88) porque o seguro **ele** não pagava – INF7M_PR1

(89) Meu avô **eu** lembro que **ele** tinha uma relação muito boa c’um minha vó – INF4H_PC1

(90) Novela **eu** não gosto de novela não – INF8M_PP2

c) Oração sem sujeito ¹⁷– Quando o verbo não faz referência a nenhum sujeito, ilustrados em (91), (92) e (93).

(91) São João aqui não tem – INF7M_PP1

(92) Energia já tem – INF5H_PR2

(93) Perfumes... é... tem uma casa lá só de cosméticos de uma rede [Inint], perfumes e maquiagens que você enlouquece! – INF12M_PC3

Em relação aos resultados encontrados para esta variável, apresentamos a tabela 6 com a distribuição da realização de sujeito para cada tipo de tópico.

Tabela 6: Distribuição dos dados quanto à realização de sujeito

Tipo de Tópico	Oração sem sujeito		Sujeito preenchido		Sujeito nulo	
Tópico cópia	5	12%	89	32%	7	14%
Tópico OD	25	62%	43	15%	8	16%
Tópico pendente	7	17%	34	12%	7	14%
Tópico pendente com Retomada	1	2%	25	9%	17	34%
Tópico pend. retomada pron. Nom.	0	0%	39	14%	0	0%
Topicalização selvagem	2	5%	24	8%	10	20%
Tópico Sujeito	0	0%	14	5%	0	0%
Tópico Objeto Indireto	0	0%	4	1%	0	0%
TOTAL	40	11%	272	75,4%	49	13,6%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Observando-se a tabela 6, percebe-se que sentenças com Oração sem sujeito favorecem mais a ocorrência de Tópico de Objeto Direto do que os demais tipos, talvez

¹⁷ Para a gramática gerativa a posição de sujeito está prevista nestes casos. Na verdade, seriam casos de sentenças com verbos existenciais ou de fenômenos da natureza. No entanto, há línguas que preenchem essa posição com sujeito, como o inglês e o francês, por exemplos, It rains e Il pleut, respectivamente.

isso ocorra porque orações desse tipo apareceram nos *corpora* apenas com verbos existenciais, como demonstrado em (94) e (95).

(94) Roubo **tem** muito – INF4H_PP1

(95) Iluminação pública, não **tem** – INF4H_PP1

Além disso, como se vê também na tabela 6, a maioria das ocorrências de CTs acontece com sujeito preenchido, 75,4% de ocorrências. Tal fato já fora previsto, já que tentamos defender que o crescimento progressivo de sujeitos preenchidos, bem como o aumento de objeto nulo, favorecem a realização de CTs. Percebe-se também que houve ocorrência de sujeito preenchido para todos os tipos de tópico elencados, o que não aconteceu com construções com oração sem sujeito e sujeito nulo.

Por fim, as orações com sujeito nulo atingiram 13,6% do percentual total da amostra, o que equivale a 49 dados com esse tipo de construção. Desses dados, os tipos de tópico que mais se destacaram foram o Tópico pendente com Retomada e Topicalização selvagem, com 34% e 20%, respectivamente, de frequência com sujeito nulo, exemplificados em (96) e (97).

(96) Licor, Ø gosto de tomar um licorzinho uma vez ou outra – INF7M_PP1

(97) Salvador, já Ø trabalhei – INF2H_PR2

Os tipos de tópico em que não apareceram ocorrências com sujeito nulo foram Tópico pendente com retomada pronominal Nominativo, Tópico Sujeito e Tópico Objeto Indireto. Os dois primeiros não tiveram sujeito nulo por motivos óbvios: são construções que obrigatoriamente aparece com sujeito explícito. Quanto ao Tópico Objeto Indireto, não podemos formular uma hipótese consistente, visto que a quantidade de dados foi insuficiente para realizarmos uma análise mais aprofundada.

Portanto, conclui-se com os resultados dessa variável que, de fato, o preenchimento do sujeito é um fator relevante para as CTs e que construções com sujeito explícito estão presentes em todos os tipos de tópico analisados nesta pesquisa.

4.1.3 Tipo de oração

Estabelecemos três fatores para essa variável, os quais são descritos a seguir:

a) Oração simples – quando o tópico aparece em uma oração simples, demonstrado em (98):

(98) Gato ele é um animal doméstico – INF10M_PR1

b) Oração Coordenada – quando as orações se relacionam semanticamente sem necessariamente estarem ligadas por conjunção, como em (99).

(99) a gente, ele passa o caminho dele eu passo o meu – INF2H_PR2

c) Oração Subordinada – são orações encaixadas que podem assumir funções sintáticas diferenciadas dentro de outra oração, como em (100).

(100) a cidade, eu não tenho vontade de sair daqui pra canto nenhum pra ir morar – INF8M_PP2

Esse grupo de fatores foi estabelecido para localizarmos o tipo de oração em que as CTs são mais frequentes. Nossa hipótese inicial foi a de que as CTs são mais constantes em construções com oração simples do que em orações encaixadas ou coordenadas. Assim, após a análise dos resultados encontrados para essa variável, pode-se confirmar a hipótese inicialmente estabelecida: orações simples são mais utilizadas nas CTs do que os outros tipos, como podemos visualizar na tabela 7.

Tabela 7: Distribuição dos dados quanto ao tipo de oração

Tipo de Tópico	Oração simples		Oração Coordenada		Oração Subordinada	
Tópico cópia	89	29%	3	27%	9	20%
Tópico OD	68	22%	1	9%	7	15%
Tópico pendente	40	13%	1	9%	7	15%
Tópico pendente com Retomada	32	10%	2	18%	9	20%
Tópico pend. retomada pron. Nom.	32	10%	2	18%	5	11%
Topicalização selvagem	29	9%	2	18%	5	11%
Tópico Sujeito	13	4%	0	0%	1	2%
Tópico Objeto Indireto	3	0%	0	0%	1	2%
TOTAL	306	84,8%	11	3%	44	12,2%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Conforme visualizado na tabela 7, as orações simples tiveram um percentual de 84,8% de ocorrências, correspondente a 306 dados do total da amostra, ocorrendo em todos os tipos de tópicos. Já as orações coordenadas e subordinadas tiveram uma frequência baixa, 3% e 12,2%, respectivamente. Com isso, podemos concluir que mesmo havendo uma maior tendência das CTs com orações simples, pode-se encontrar tópicos também com orações subordinadas e coordenadas, o que Pontes (1987) já havia sinalizado:

Encontra-se tópico em orações subordinadas causais, relativas, completivas nominais, condicionais, além de objetivas diretas e mesmo subjetivas [...] São muito comuns exemplos de tópico em oração objeto, de tipo: “Eu acho que essa brincadeira, ela vai revelar...” e do tipo causal: “porque esse professor, eu não confio muito nele” (p. 73).

Esses resultados comprovam que orações simples tendem a favorecer a realização de CTs, mas também revelam que não há restrição quanto ao uso dos outros tipos.

4.1.4 Dimensão do tópico

Para essa variável admitimos a hipótese de que os tópicos com SNs longos favoreceriam a ocorrência de um elemento correfencial na sentença-comentário. Assim, definimos três fatores para essa variável, a saber:

a) Até 3 sílabas – quando o tópico possui até três sílabas, como em (101).

(101) o feijão, a maioria do feijão perdeu – INF4H_PR1

b) De 4 a 6 sílabas – quando o tópico possui de quatro a seis sílabas, como em (102).

(102) o habitante ele tem um amor muito grande a sua própria cidade – INF2H_PC2

c) Mais de 6 sílabas – quando o tópico possui mais de seis sílabas, como em (103)

(103) o doce de goiaba você descasca ela, tira a, a... tira a semente – INF8M_PP2

Utilizamos essa variável para observar até que ponto a dimensão do tópico favoreceria a retomada de um elemento no comentário relacionado ao tópico. Os resultados obtidos são mostrados na tabela 8, a seguir.

Tabela 8: Distribuição dos dados quanto à dimensão do tópico

Tipo de Tópico	Até 3 sílabas		De 4 a 6 sílabas		Mais de 6 sílabas	
Tópico cópia	76	41%	22	14%	3	11%
Tópico OD	38	20%	33	22%	5	18%
Tópico pendente	18	9%	26	17%	4	14%
Tópico pendente com Retomada	21	11%	18	12%	4	14%
Tópico pend. retomada pron. Nom.	10	5%	21	14%	8	29%
Topicalização selvagem	15	8%	20	13%	1	3%
Tópico Sujeito	5	2%	8	5%	1	3%
Tópico Objeto Indireto	1	0%	2	1%	1	3%
TOTAL	184	51%	150	41,5%	27	7,5%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Constata-se, portanto, que a maioria dos tópicos que possuem um elemento correferente não passam de 6 sílabas, o que contrapõe nossa hipótese levantada para essa variável, pois tópicos curtos de até 6 sílabas foram mais frequentes (92,5%) para a retomada dos tópicos do que os longos com mais de 6 sílabas.

O Tópico Cópia, por exemplo, que retoma o elemento topicalizado dentro da sentença-comentário, teve o maior índice de SNs com no máximo 3 sílabas, como podemos observar nos exemplos (104), (105) e (106).

(104) Gugu eu não sou fã de **Gugu** não – INF8M_PP2

(105) Saúde, eu tava tendo muito problema de **saúde** – INF10M_PC1

(106) Sonho, **sonho** é o que não falta a uma pessoa – INF10M_PR1

Em suma, a partir da análise desses resultados, concluímos que independentemente da dimensão do tópico, pode-se ter um elemento correferente a ele na sentença-comentário. Dessa forma, pode-se perceber que a estrutura tópico-comentário ocorre na língua com SNs extensos ou não.

4.1.5 Referencialidade

A última variável linguística controlada nesta pesquisa foi a referencialidade, a qual é baseada em traços semânticos do elemento topicalizado. Então, nossa hipótese foi a de que tópicos com traço [+humano] favorecem as CTs com um pronome correferente, enquanto que tópicos com traço [-humano] favoreceriam as CTs com um item lexical, como podemos perceber nos exemplos (107) e (108).

a) Traço [+ humano]

(107) Minha mãe ela vem aqui em casa – INF4H_PC1

b) Traço [- humano]

(108) Nos arraiás, os arraiá de Feira é bom! – INF4H_PP1

A partir dos resultados obtidos com a amostra tivemos a seguinte distribuição dos dados referentes à variável referencialidade:

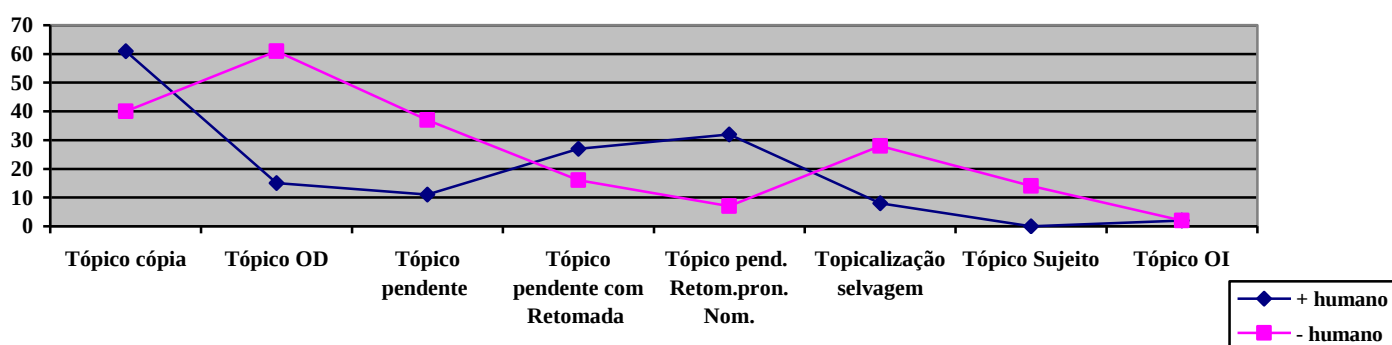
Tabela 9: Distribuição dos dados quanto à referencialidade

Tipo de Tópico	[+ HUMANO]		[– HUMANO]	
Tópico cópia	61	39%	40	19%
Tópico OD	15	9%	61	29%
Tópico pendente	11	7%	37	18%
Tópico pendente com Retomada	27	17%	16	7%
Tópico pend. retomada pron. Nom.	32	20%	7	3%
Topicalização selvagem	8	5%	28	13%
Tópico Sujeito	0	0%	14	6%
Tópico Objeto Indireto	2	1%	2	0%
TOTAL	156	43,2%	205	56,8%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A seguir, apresenta-se o Gráfico 7 para visualizarmos melhor a distribuição dos dados.

Gráfico 7: Distribuição dos dados quanto à referencialidade



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A partir das análises da Tabela 9 e do Gráfico 7, percebemos que o traço semântico [-humano] obteve a maior quantidade de dados, embora a frequência em termos percentuais tenha sido próxima. Além disso, existem dois fatos interessantes que se mostram relevantes para a análise da referencialidade. O primeiro fato tem a ver com

as duas CTs que tiveram maior ocorrência com o traço [+humano], o Tópico Cópia e o Tópico pendente com retomada pronominal nominativo. Nesses dois tipos de tópico, a probabilidade de ocorrer um elemento [+humano] é muito maior, visto que o termo correferente a esses tópicos geralmente, é um elemento [+humano], seja um pronome pessoal ou um SN, como ilustrado em (109) e (110).

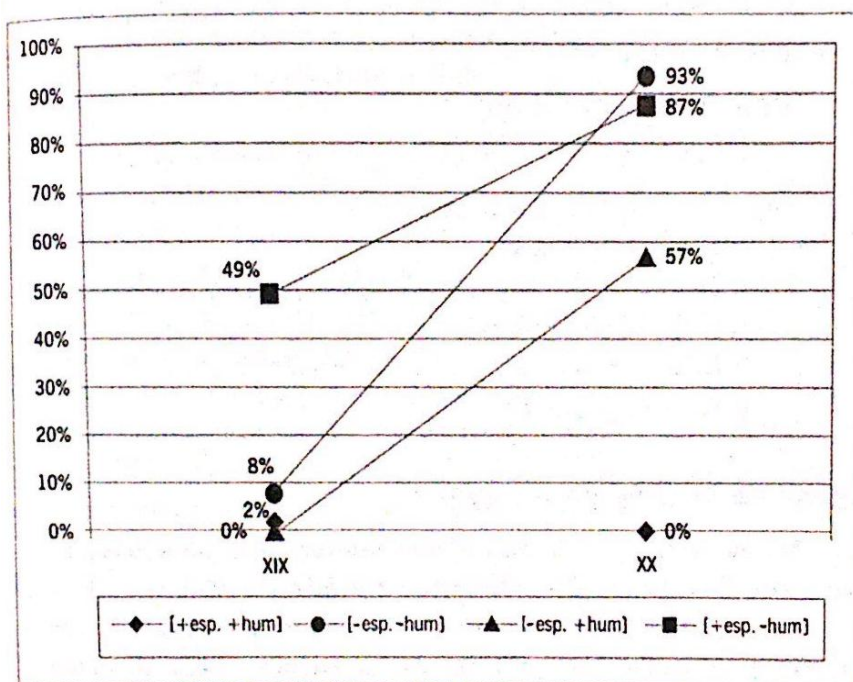
(109) eu, **eu** sei cozinhar legar – INF4H_PC1

(110) Minha mãe **ela** finge que não ver - INF4H_PC1

Por outro lado, temos o traço [-humano] favorecendo as CTs de Tópico de Objeto Direto. E, com isso, constatamos que no PB o objeto direto costuma ser o elemento com traço [-humano] seja na posição tópico-comentário ou sujeito-predicado. Assim, uma explicação possível para a grande ocorrência de Tópico de Objeto Direto com traço [-humano] é a mudança da realização do objeto direto no PB, cuja preferência tem sido a de objeto nulo, como já discutimos neste trabalho.

De acordo com Kato et al (2006), “o século XX apresenta uma alta incidência de objetos nulos, sendo a maior ocorrência de objetos nulos com antecedentes [- humano]” (KATO et al, 2006, p. 418). Vejamos o Gráfico 8 apresentado por Kato et al (2006), abaixo:

Gráfico 8: Objetos nulos quanto aos antecedentes



Fonte: Extraído de Kato et al (2006, p. 419)

Com base no Gráfico 8, percebe-se que a ocorrência de objetos nulos no século XX é quase categórica quando os antecedentes possuem traços [-humano], independentemente se tiverem traços [+específico] ou [-específico]. Logo, a conclusão a que chegamos é a de que o traço [-humano] também favorece os objetos diretos quando deslocados para a posição de tópico.

4.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

É imprescindível que se faça uma análise dos elementos de cunho social em uma pesquisa Sociolinguística, pois é impossível desvincular as variáveis linguísticas de sua função social. Assim, a partir da análise das variáveis sociais, ditas extralinguísticas, podemos observar as mudanças já concluídas e/ou as que estão em processo de variação e mudança.

Dessa forma, as variáveis extralinguísticas consideradas para a análise dos dados desta pesquisa foram a faixa etária, o sexo, a escolaridade e o espaço geográfico dos informantes. Vejamos os resultados obtidos nos *corpora* para cada variável.

4.2.1 Variável Faixa etária

A variável faixa etária é indispensável no estudo dos fenômenos linguísticos, pois é a partir dela que se concebe a variação de um fenômeno linguístico como estável ou em progresso. Assim, através da observação de um fenômeno entre as faixas etárias dentro de uma mesma sincronia, é possível saber qual o progresso da mudança de um determinado fenômeno.

Partindo desse pressuposto, analisaremos três faixas etárias nesta pesquisa: faixa I, faixa II e faixa III. O controle desta variável será importante para sabermos como as CTs se comportam em cada uma das faixas etárias e se há alguma tendência para mudança linguística, visto que partimos da hipótese de que os falantes mais jovens encabeçam o processo de mudança e mais idosos tendem a conservar mais os padrões linguísticos.

Portanto, analisando-se os resultados apurados nos *corpora*, observamos que os dados comprovaram nossa hipótese inicial: a faixa I apresenta maior número de

ocorrências, 39,9%, em relação às outras faixas, e esse número vai decrescendo ao longo das faixas, como podemos ver na Tabela 10.

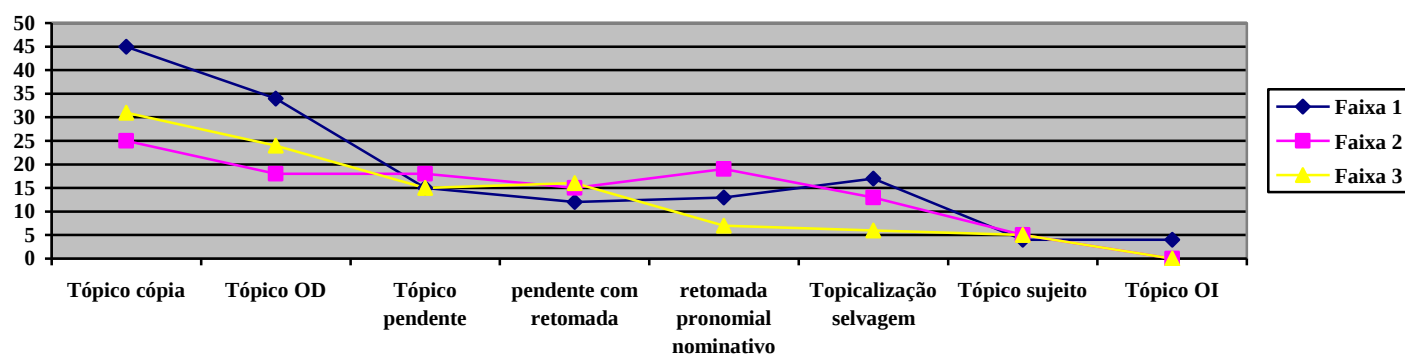
Tabela 10: Distribuição das construções por faixa etária

Construções de tópico	Faixa I		Faixa II		Faixa III	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tópico cópia	45	31%	25	22%	31	29%
Tópico OD	34	23%	18	15%	24	23%
Tópico pendente	15	10%	18	15%	15	14%
Tópico pendente com Retomada	12	8%	15	13%	16	15%
Tópico pendente com Retom. Pron. nominativo	13	9%	19	16%	7	6%
Topicalização selvagem	17	11%	13	11%	6	5%
Tópico sujeito	4	2%	5	4%	5	4%
Tópico OI	4	2%	0	0%	0	0%
TOTAL	144	39,9%	113	31,3%	104	28,8%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Então, como observamos na Tabela 10, a mudança começa na fala dos mais jovens e vai se propagando nas outras faixas etárias. Nesse ponto, destacamos o uso da Construção de Tópico de Objeto Indireto registrado apenas na faixa I, o que pode revelar indícios de um uso inovador na língua, como discutimos anteriormente. Vejamos agora o Gráfico 9 para ilustrar melhor os dados nessa variável.

Gráfico 9: Distribuição das CTs por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

É interessante perceber no Gráfico 9 que em todas as faixas o uso mais produtivo é o do Tópico Cópia; e mais, a Faixa I lidera praticamente todos os tipos de tópico. Além disso, constata-se que a faixa II realiza o Tópico pendente com retomada pronominal nominativo e o Tópico pendente mais do que as outras faixas; e, a faixa III não lidera nenhum tipo de tópico, só aparece com mais ocorrências em relação à faixa II nos tópicos Cópia e de Objeto Direto.

Enfim, esses dados podem revelar que o PB está passando por um processo de mudança em curso em relação a sua configuração sintática, já que os dados mostram que os mais jovens tendem a utilizar mais construções com tópico do que os mais velhos (39,9% faixa I, 31,3% faixa II e 28,8%, faixa III).

Contudo, é necessário que se observe outras amostras para que se afirme de forma mais segura os caminhos dessa mudança linguística, visto que os dados aqui arrolados são poucos e não só isso, os índices de frequência de uma faixa para outra são bastante próximos. Logo, as afirmações relacionadas a essa variável são inconclusas e carecem de novas investigações.

4.2.2 Variável Sexo

Outro fator relevante para o estudo da variação linguística do ponto de vista social é a variável sexo, visto que esse fator pode influenciar nas realizações linguísticas dos falantes. Além disso, o controle dessa variável mostra-se relevante, pois podemos ter indícios de mudança a partir dos papéis desenvolvidos socialmente por homens e mulheres.

Assim, a seguir, apresentamos a distribuição das construções de tópico por sexo do informante na Tabela 11.

Tabela 11: Distribuição das construções de tópico por sexo

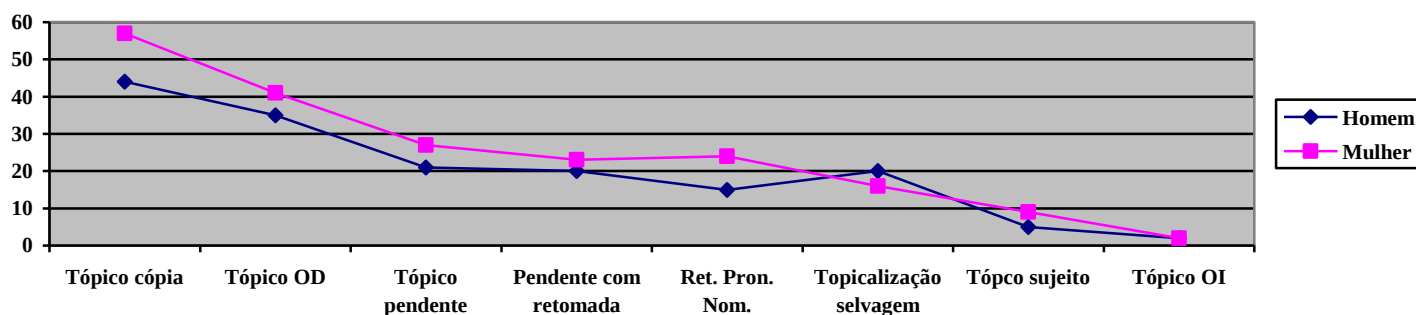
Construções de tópico	Homem		Mulher	
	Nº	%	Nº	%
Tópico cópia	44	27%	57	28%
Tópico OD	35	21%	41	20%
Tópico pendente	21	12%	27	13%
Tópico pendente com Retomada	20	12%	23	11%
Tópico pendente com Retom. Pron. Nominativo	15	9%	24	12%
Topicalização selvagem	20	12%	16	8%
Tópico sujeito	5	3%	9	4%
Tópico OI	2	1%	2	1%
TOTAL	162	45%	199	55%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Os dados da tabela, acima, mostram que as mulheres, como em outros fenômenos variáveis, demonstram estar à frente na produção das CTs com 55% de dados; enquanto os homens obtiveram 45% de frequência.

Entretanto, Araújo (2006) sinalizara sobre a não interferência da variável sexo na produção das CTs; o que, de fato, comprovamos nesta pesquisa. Quando observamos as ocorrências encontradas em cada tipo de tópico nos dados das mulheres e nos dados dos homens, notamos que há uma equivalência em todos os casos, como podemos atestar no Gráfico 10.

Gráfico 10: Distribuição das CTs por sexo



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Por fim, a visualização do Gráfico 10 ilustra muito bem como os dados relacionados ao sexo do informante se aproximam e se mantêm de forma proporcional. Portanto, podemos concluir que a variável sexo não influencia nas realizações das CTs, sendo, assim, usadas indistintamente por homens e mulheres.

4.2.3 Variável Escolaridade

Os estudos que fazem o controle da variável escolaridade confirmam a existência de formas linguísticas padronizadas pelos falantes mais escolarizados e mostram que as variantes estigmatizadas pela comunidade de fala encontram-se entre os que têm pouca ou nenhuma escolaridade. Assim, a fala popular seria caracterizada pelos informantes que tiveram pouco ou nenhum acesso ao ensino formal, enquanto a fala culta é definida pelos indivíduos que tiveram acesso à educação escolar superior.

Assim, estamos considerando como variável escolaridade a norma culta e a norma popular. Sabe-se, no entanto, que esses conceitos não representam de forma plena essas variedades, mas, por questões objetivas exigidas pela pesquisa científica, mantivemos essas nomenclaturas e as definições atribuídas a cada norma.

Então, os resultados dos dados para essa variável revelaram que há uma diferença imensa quando se compara a fala culta com a fala popular, sem levar em consideração o espaço geográfico. Na fala culta obtivemos 20% do total de ocorrências, o equivalente a 74 dados encontrados; já na fala popular, o total de dados em porcentagem foi de 80%, o que equivale a 287 dados. Reconhece-se, entretanto, que essa diferença considerável na fala culta e na fala popular pode estar relacionada à disparidade da quantidade de entrevistas analisadas em cada *corpus*: foram 12 entrevistas do português culto e 24 do português popular.

Sendo assim, apresentamos a distribuição dos dados encontrados nos *corpora* em relação à escolaridade na Tabela 12.

Tabela 12: Distribuição das construções de tópico nas falas culta e popular

Construções de tópico	Culto		Popular	
	Nº	%	Nº	%
Tópico cópia	24	32%	77	26%
Tópico OD	7	9%	69	24%
Tópico pendente	9	12%	39	13%
Tópico pendente com Retomada	7	9%	36	12%
Tópico pendente com Retom. Pron. nominativo	22	29%	17	5%
Topicalização selvagem	4	5%	32	11%
Tópico sujeito	1	1%	13	4%
Tópico OI	0	0%	4	1%
TOTAL	74	20%	287	80%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No entanto, ao separarmos a fala culta e popular por espaço geográfico, pode-se perceber diferenças no uso de cada variedade, como se observa na Tabela 13, abaixo:

Tabela 13: Distribuição das construções de tópico nas falas culta e popular por espaço geográfico

Construções de tópico	Português urbano				Português rural		TOTAL	
	Fala culta		Fala popular		Fala popular			
Tópico cópia	24	32%	26	25%	51	28%	101	27%
Tópico OD	7	9%	31	28%	38	20%	76	21%
Tópico pendente	9	12%	13	12%	26	14%	48	13%
Tópico pendente com Retomada	7	9%	6	5%	30	16%	43	11%
Tópico pendente com Retom. Pron. Nom.	22	29%	7	6%	10	5%	39	10%
Topicalização selvagem	4	5%	17	16%	15	8%	36	9%
Tópico sujeito	1	1%	4	3%	9	4%	14	3%
Tópico OI	0	0%	1	0%	3	1%	4	1%
TOTAL	74	20%	105	30%	182	50%	361	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A explicação possível para o fato de mais da metade dos dados com CTs aparecerem na fala popular é a de que o grau de escolaridade interfere no uso das CTs, já que a gramática normativa condena e estigmatiza o uso de tais construções. Logo, a fala culta prioriza a ordem canônica, enquanto os informantes da norma popular optam pelas construções de tópico.

Porém, mesmo com controle mais rigoroso quanto ao uso das normas da Gramática Normativa, a fala culta também está absorvendo a mudança sintática pela qual o PB está passando. Comprova-se tal fato com a discussão proposta por Lucchesi (2001):

Portanto, no decorrer deste século, enquanto, no português popular, verifica-se uma tendência de mudança “para cima”, não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto (ou semi-culto); no português culto, assiste-se a uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matiz europeu, uma mudança que se pode definir como “para baixo”. (LUCCHESI, 2001, p. 109).

Além disso, podemos pressupor que com a interação de falantes da norma culta com a norma popular houve uma influência do popular para o culto:

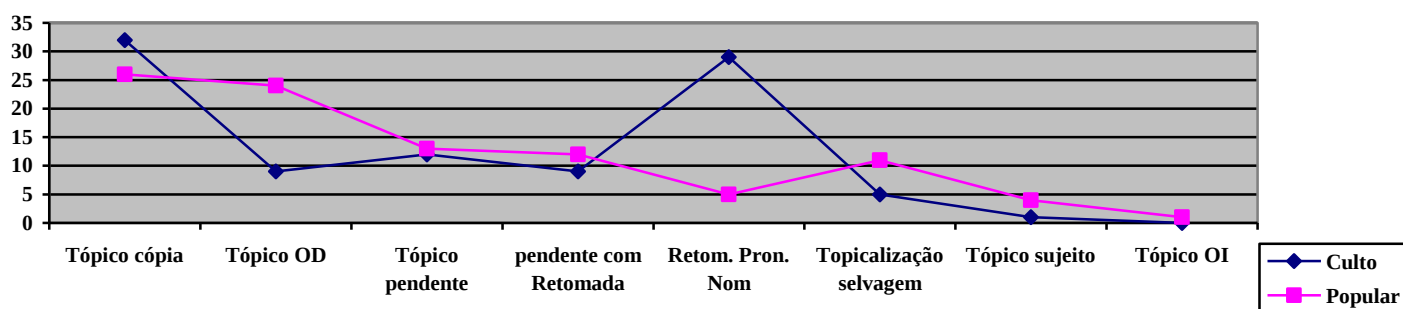
[...] na profunda e complexa interação dos diversos segmentos sociais desse cenário sociolinguístico bipolarizado, podemos perceber, por um lado, como fatos linguísticos que surgiram da aquisição/nativização defectiva do português pelos falantes africanos e seus descendentes puderam penetrar nas camadas médias e altas, generalizando-se no português brasileiro como um todo (LUCCHESI, 2001, p. 110).

Corroborando com o mesmo pensamento, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) afirma que “o prestígio associado ao português padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação”.

Portanto, se, no decurso desse século, atenua-se o quadro bem polarizado que predominou nos séculos anteriores, diminuindo os abismos que separavam a fala da elite da fala da população pobre, as marcas dessa polaridade ainda se mantêm; até mesmo porque se conservam as profundas desigualdades sociais, fruto de um absurdo e intolerável processo de concentração de renda que mancha e degrada a sociedade brasileira (LUCCHESI, 2001, p. 110).

Por fim, relacionando-se as CTs com a variável escolaridade, nota-se que existem construções usadas de forma equivalente por ambas as variedades, como o Tópico Cópia, Tópico Pendente e Tópico pendente com retomada; no entanto, há construções que parecem ser típicas da fala culta, como o Tópico pendente com retomada pronominal nominativo, por exemplo; e, outras construções que são próprias da fala popular, como o Tópico de Objeto Direto, como indica o Gráfico 11.

Gráfico 11: distribuição das CTs por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

4.2.4 Variável Espaço Geográfico

Bortoni-Ricardo (2005, p. 92) comenta que “a vida e a cultura neste país foram profundamente alterados no século XX pelo fenômeno de mobilidade geográfica, que se tornou, por isso mesmo, objeto de especial interesse nas ciências humanas em geral”. Assim, o estudo da variável espaço geográfico em um estudo Sociolinguístico pode revelar dados interessantes em direção a possíveis mudanças que estão em processo na língua. Além disso, o estudo de comunidades da zona rural e da zona urbana de Feira de Santana podem mostrar diferenças e/ou semelhanças quanto ao uso das CTs.

Assim, apresentamos na Tabela 14 a distribuição das CTs em relação ao espaço geográfico para um exame articulado dessas construções nas áreas urbana e rural.

Tabela 14: Distribuição das construções de tópico por espaço geográfico

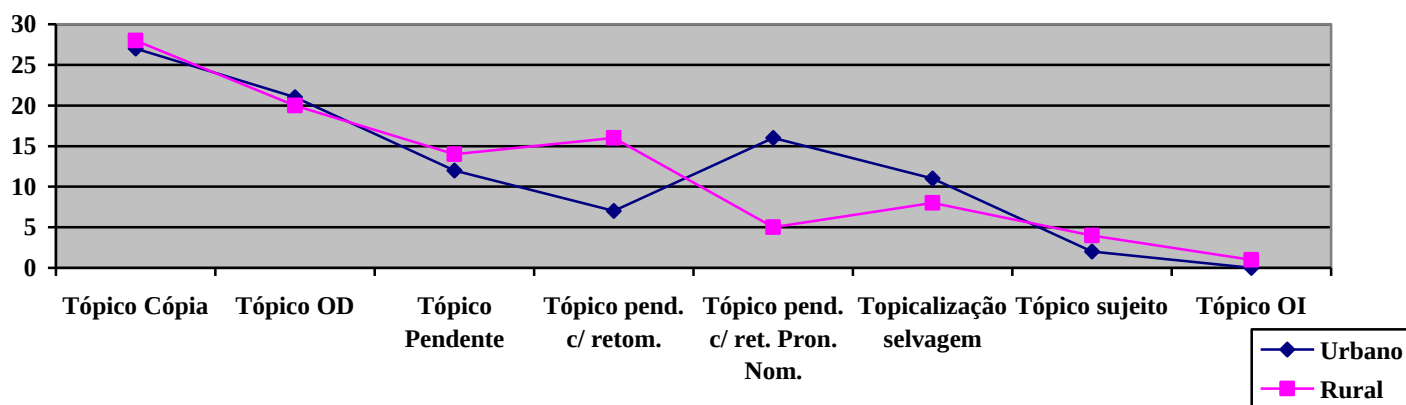
Construções de tópico	URBANO		RURAL	
	Nº	%	Nº	%
Tópico cópia	50	27%	51	28%
Tópico OD	38	21%	38	20%
Tópico pendente	22	12%	26	14%
Tópico pendente com Retomada	13	7%	30	16%
Tópico pendente com Retom. Pron. nominativo	29	16%	10	5%
Topicalização selvagem	21	11%	15	8%
Tópico sujeito	5	2%	9	4%
Tópico OI	1	0%	3	1%
TOTAL	179	50%	182	50%

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Observando a Tabela 14, conclui-se que, em termos percentuais, não há diferenças de ocorrência das CTs entre a zona rural e a zona urbana, pois ambas obtiveram 50% do total dos dados. A partir dessa constatação, pode-se deduzir que as CTs não estão relacionadas ao fator geográfico (urbano ou rural), mas sim, ao fator escolaridade.

O Gráfico 12, a seguir, indica as CTs realizadas pelas duas localidades:

Gráfico 12: Distribuição das CTs quanto ao espaço geográfico



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Como se vê no Gráfico 12, as únicas construções que se sobressaem são as de Tópico pendente com retomada, na fala rural, e, Tópico pendente com retomada pronominal nominativo, na fala urbana. Dessa forma, comprova-se que existem estratégias que são típicas de uma localidade ou de uma norma.

Portanto, após análise dos fatores sociais aqui arrolados, podemos dizer que o que realmente influencia na produção de tópicos é o nível de escolaridade dos falantes. Os outros fatores (faixa etária, sexo e espaço geográfico) podem estar relacionados, mas não são determinantes para as CTs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises e discussões dos dados, podemos dizer que as construções de tópico fazem parte de processo de uso em “expansão” na língua, apontando para uma provável mudança, no sentido de se tornarem de uso comum em diferentes variedades. Além disso, apesar de não ter sido realizada uma análise sociolinguística como se faria com uma regra variável do tipo sujeito nulo *versus* sujeito preenchido ou presença de concordância verbal *versus* ausência de concordância, pôde-se analisar quantitativamente o fenômeno das Construções de Tópico de forma satisfatória e com resultados importantes para melhor compreensão do fenômeno da topicalização e de seu comportamento no Português Brasileiro.

Podemos, então, após análise dos resultados, fazer as seguintes constatações:

1) Em relação aos fatores linguísticos analisados, percebeu-se que as CTs são mais recorrentes com sujeito preenchido, em orações simples, com tópicos de até 6 sílabas e com traço [-humano].

2) Quanto ao uso dos tipos de tópico, o Tópico Cópia foi o mais utilizado nas duas variedades analisadas, com 28% de frequência em relação aos outros tipos de tópico. Dessa forma, essa alta ocorrência pode ser devido ao fato de o falante deixar claro o referente a que ele está destacando com o elemento posto à esquerda e repetindo-o em seguida (PONTES, 1987, p. 26).

3) O Tópico de Objeto Direto pode ser típico da fala popular, pois encontrou-se 31 ocorrências na fala urbana popular e 38 na fala rural popular; em contraste com a fala urbana culta que teve apenas 7 ocorrências de Tópico de Objeto Direto. Já o Tópico pendente com retomada pronominal nominativo pode ser típico da fala urbana. Neste caso, houve o inverso de ocorrências: 22 para a fala urbana culta; 7, para a fala urbana popular; e, 10 ocorrências para a fala rural popular.

4) O Tópico de Objeto Direto e o Tópico Pendente com retomada pronominal nominativo estão imbricados com outros fenômenos de mudança no PB como a mudança na marcação de parâmetro *pro-drop* e a fixação do objeto nulo (DUARTE, 1995; CYRINO, 1996; TARALLO, 1996), revelando, assim, que o encaixamento linguístico em relação ao sujeito preenchido ficou mais evidente na fala culta, motivo de o Tópico Pendente com retomada pronominal nominativo ser mais produtivo nessa variedade; enquanto que o encaixamento em relação ao apagamento do objeto direto mostrou-se favorável na fala popular.

5) O Tópico de Objeto Indireto é uma construção recente, pode estar passando por um processo de inovação na língua e pode também ser uma característica específica do português popular de Feira de Santana, visto que não houve ocorrência de Tópico de Objeto Indireto na fala culta. Além disso, pode-se observar que o uso desse tipo de tópico pode ser considerado como inovador, pois aparece apenas na faixa I.

6) Em relação ao uso das CTs por faixa etária, pode-se inferir que o PB está passando por um processo de mudança em curso em relação a sua configuração sintática, já que os dados revelaram que os mais jovens utilizam mais construções com tópico do que os mais velhos (39,9% faixa I, 31,3% faixa II e 28,8%, faixa III). Contudo, é necessário que se observe outras amostras para que se afirme de forma mais segura os caminhos dessa mudança linguística, visto que os dados aqui arrolados são poucos e não só isso, os índices de frequência de uma faixa para outra são bastante próximos. Logo, as afirmações relacionadas a essa variável são inconclusas e carecem de novas investigações.

7) A variável sexo não influencia nas realizações das CTs, sendo usadas indistintamente por homens e mulheres, como apontara Araújo (2006).

8) Dentre as variáveis sociais, a que mais influenciou na produção de tópicos foi o nível de escolaridade dos falantes. Assim, pode-se perceber que a variação/mudança em relação à organização sintática do PB está partindo do português popular num processo de baixo para cima, pois 80% das ocorrências são do português popular. Os outros fatores (faixa etária e espaço geográfico) podem estar relacionados, mas não são determinantes para as CTs.

Dessa forma, acredita-se que o fato de haver uso mais produtivo das CTs nas variedades populares do PB está relacionado ao prestígio social que se dá ao português padrão e, assim, as CTs ainda sofrem resistência nas camadas cultas da sociedade, confirmando a bipolarização sociolinguística discutida por Lucchesi (2001).

Por fim, não restam dúvidas de que ainda é necessária uma análise mais detalhada sobre o fenômeno das CTs em outras amostras e em outra modalidade da língua para que se possa afirmar com convicção a relação dessas construções com a mudança linguística em que o PB está passando. Portanto, pretende-se, posteriormente, estender esta análise aprofundando e ampliando as discussões em outros *corpora*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades rurais do interior da Bahia*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, São Paulo, 2005.

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). UFBA, Salvador, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/11/TDE-0000-00-00T000000Z-578/Publico/Tese%20parte%201%20seg.pdf>. Acessado em: 27 out. 2012.

ARAÚJO, Edivalda Alves. Construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 231-250.

ARAÚJO, Edivalda Alves. Construções de tópico. In: LOBO, TÂNIA, OLIVEIRA, Klebson (Org.). *África à vista: Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 50 – 69.

ARAÚJO, Edivalda Alves. Sociolinguística paramétrica e fatos sintáticos do português brasileiro. In: Norma da Silva Lopes; Lígia Pelon de Lima Bulhões; Cristina dos Santos Carvalho (Org.). *Sociolinguística: Estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro*. Sociolinguística paramétrica Sociofuncionalismo. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, p. 63-97.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). UFBA, Salvador, 2014.

BAGNO, Marcos. Norma lingüística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas*, revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 5, n. 2. p. 71-83. 2001. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap063.pdf>>. Acessado em: 02 março. 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemos na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Frases com tópicos marcados. In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003. p.489-502

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Trad. de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-184.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, São Paulo, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 107-128.

DUARTE, Fábio Bonfim; BUTHERS, Christiane Miranda. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? *Revista Diacrítica* vol.26 no.1 Braga 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000100003>. Acessado em: 02 março. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888*. Feira de Santana: UEFS, 2011.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização 1970-1996*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura. Salvador: UFBA, 1998

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 1998. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1730/1309>>. Acessado em: 03 abr. 2013

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

KATO, Mary Aizawa. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 1989. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3104/2583>>. Acessado em: 24 set. 2013.

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. Apresentação. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. *A construção da sentença: Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2015.

KATO, Mary Aizawa et al. Português Brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia (Org.). *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2006.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A dimensão social das palavras. In: SILVA, Luiz Antônio da. (Org.). *A língua que falamos*. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005, p. 121-161.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, p. 17-28, 1994.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 17, v. 1, p. 97-130, 2001.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 83-112, 2006.

LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-272.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a Língua que se ensina*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MIRA MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Caminho, 1994.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLICA, M. C. M. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NUNES, Jairo M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 207-222.

OLIVEIRA, Maria Leny Souza. *Feira de Santana no contexto da urbanização brasileira e a questão da moradia na favela*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol 3. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 33-42.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas – São Paulo: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

SAUSSURE, Fernand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1970].

SILVA, Lidiane Ferreira; ARAÚJO, Edivalda Alves. Construções de tópico no português falado em Feira de Santana-BA. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de et al . *Variação linguística em Feira de Santana-Bahia*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016, p. 175-200.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X*: Computer program. Departament of Linguistics, University of Toronto, Canada. Disponível em <http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. 2005> Acesso em: 15. dez. 2019.

SOUZA, Elane Bastos de. *Terra, Território, Quilombo: À Luz do Povoado de Matinha dos Pretos (Ba)*. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFBA, Salvador, 2010.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatória. In: Roberts, Ian; Kato, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 35-68.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].